

**UFSCAR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CECH – CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DL – DEPARTAMENTO DE LETRAS**

Caroline Postali

**DISCURSOS SOBRE A LEITURA:
A 'VERGONHA' DE SE LER O QUE NÃO SE DEVE**

**São Carlos - SP
2022**

**UFSCAR – UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS CECH – CENTRO DE
EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DL – DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**DISCURSOS SOBRE A LEITURA:
A 'VERGONHA' DE SE LER O QUE NÃO SE DEVE**

Trabalho de Conclusão de Curso desenvolvido por **Caroline Postali** do Departamento de Letras (DL) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) como parte dos requisitos para obtenção do grau de Licenciatura em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Luzmara Curcino

São Carlos - SP
2022

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, vinculado ao projeto de pesquisa conduzido pela Profa. Dra. Luzmara Curcino, intitulado “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura” (FAPESP 2020-03615-0), teve por objetivo principal levantar e constituir um *corpus* específico de enunciados sobre a leitura, obtidos a partir de comentários, denominados ‘resenhas’, realizados por usuários da plataforma digital Skoob, e com sua análise, depreender deles certos discursos sobre a leitura e certas representações dos leitores, em específico aqueles relacionados à expressão de ‘vergonha’ acerca da leitura das obras de Paulo Coelho, autor nacional conhecido por ter suas obras deslegitimadas como textos literários, de grande sucesso entre o público mais amplo, mas em relação ao qual leitores ideais precisam sustentar um discurso de recusa, de crítica, de distância. Analisamos todas as resenhas disponíveis na rede social em questão, referentes a cada uma das obras do autor, e selecionamos aquelas que apresentavam maior regularidade no que enunciavam e na forma como enunciavam essa ‘vergonha’ relacionada à leitura. Para isso, observamos desde estruturas linguísticas específicas, do léxico empregado às estruturas sintáticas, como também dos temas trazidos, todos estes como formas diretas ou indiretas de expressão dessa emoção da ‘vergonha’. Para a análise, nos apoiamos em princípios da Análise de Discurso de linha francesa, bem como nos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores do grupo Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE) – CNPq/UFSCar, dedicados à análise dos discursos sobre a leitura e sobre o leitor brasileiro.

Palavras-chave: Discursos sobre a Leitura; Leitores envergonhados; Rede Skoob; Paulo Coelho.

ABSTRACT

The present final paper, linked to the research project conducted by Prof. Dr. Luzmara Curcino, entitled “Proud readers, ashamed readers: emotions in discourses about reading” (FAPESP 2020-03615-0), had as main goal to raise and constitute a specific corpus of statements about reading, obtained from comments, called 'reviews', carried out by users of the Skoob digital platform, analyzing certain discourses about reading and certain representations of readers, in particular those related to the expression of 'shame' about the reading of Paulo Coelho's works, national author known for having his works delegitimized as literary texts, very successful among the wider public, but facing a discourse of refusal, criticism and distance from “ideal readers”. We analyzed all the reviews available on the social network, referring to each of the author's works, and we selected those that presented greater regularity in what they enunciated and in the way they enunciated this 'shame' related to the reading. With this purpose, we observed specific linguistic structures, the lexicon used in the syntactic structures, as well as the themes brought into light, all of these as direct or indirect forms of expression of this emotion of 'shame'. For the analysis, we relied on the principles of French Discourse Analysis, as well as on studies developed by researchers from the Laboratory of Reading Studies (LIRE) - CNPq/UFSCar, dedicated to the analysis of discourses about reading and about the Brazilian reader.

Keywords: Discourses on Reading; Shamed readers; Skoob Network; Paulo Coelho.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. CONSTITUIÇÃO DO CORPUS	9
2.1. Contextualização sobre a plataforma Skoob	9
2.2. Metodologia de seleção do corpus	11
3. ANÁLISE DOS ENUNCIADOS	14
3.1. Quando se gosta, mas é preciso ser contido nessa declaração	15
3.2 Quando se gosta, mas é preciso marcar distância	19
3.3 Quando se lê, e se expressa arrependimento de tê-lo feito e é preciso responsabilizar um outro	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
5. REFERÊNCIAS	45
6. ANEXOS	49
ANEXO 1: Páginas dos livros de Paulo Coelho disponíveis no SKOOB e seus respectivos número de resenhas até novembro de 2020.	49

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho resulta de uma pesquisa realizada junto ao Laboratório de Estudos da Leitura (LIRE) – CNPq/UFSCar, que tem por objetivo geral a análise de discursos sobre essa prática. Ele se inscreve ainda na pesquisa coordenada pela Profa Luzmara Curcino, intitulada “Leitores orgulhosos, leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura”¹, com a qual contribuí realizando um levantamento, sistematização e análise de enunciados específicos nos quais, de maneiras distintas, leitores declaram direta ou indiretamente alguma forma de ‘vergonha’ relacionada com a leitura.

Tal como afirma Curcino (2019; 2020), há discursos dominantes sobre a leitura que impõem tanto o que dizer a seu respeito quanto o modo de se enunciar sobre essa prática. Para ela, “se o discurso fornece o que é dizível sobre uma prática e sobre os sujeitos que a exercem, ele também regula o tipo de emoção consensualmente adequada na enunciação dessa prática”. (CURCINO, 2020, p. 3)

Assim, segundo ela, entre os modos de se enunciar, convencionados social e culturalmente, se encontram também a expressão de certas emoções que são comumente evocadas quando temos de falar de nós como leitores. Ela também constata que a ‘vergonha’ e o ‘orgulho’ são as duas emoções mais prototípicas, mais regularmente suscitadas, enunciadas e reproduzidas quando alguém se pronuncia em relação à leitura.

Considerando isso, nesta pesquisa, nos debruçamos sobre um conjunto de dados específicos, obtidos junto a comentários de leitores postados na rede social Skoob, onde é possível compartilhar ‘resenhas’, opiniões acerca de livros lidos, de que se gosta, de que se pretende ler. Selecionamos os comentários formulados a respeito da leitura de livros de um autor muito conhecido no Brasil e no mundo, que, no entanto, não goza de reconhecimento junto à crítica profissional, especializada: o escritor Paulo Coelho. Nesses comentários observamos algumas alusões ao que poderia ser considerado um posicionamento envergonhado por parte dos leitores. Alguns deles, ao afirmarem terem lido um de seus livros, parecem se sentir na obrigação de justificar, explicar, dar satisfações acerca disso, antecipando assim os tipos de julgamentos negativos que podem pesar sobre sua imagem como leitor.

¹ Essa pesquisa geral conta com apoio FAPESP (2020/03615-0).

Assim, preocupados com o que dizem sobre si como leitores ao relatarem suas leituras da obra desse autor, parte desses internautas parece se expressar de maneira envergonhada ao fazerem uma série de ressalvas sobre essa sua escolha. Nossa finalidade não é a de determinar do que se deve ter ou não vergonha em matéria de leitura, nem dizer que autores seriam reprováveis ou não, já que nossa análise não recai sobre as obras, suas propriedades etc. O que visamos descrever é justamente se, entre os comentários dos leitores de certas obras, se pode ou não constatar alguma alusão ou indício enunciativo da ‘vergonha’, e em havendo, descrever o modo como isso se expressa nesses comentários.

Feita essa ressalva, e tal como as demais pesquisas do LIRE, nosso objetivo neste trabalho é o de analisar os discursos que atuam sobre o que enunciam e como enunciam esses leitores que declaram na rede SKOOB terem lido obras de Paulo Coelho, observando se haveria nisso que enunciam algum indício de expressão de ‘vergonha’, expresso de modo direto ou indireto. Uma vez identificado algum indício, buscaremos depreender daí que representações do que é ser leitor são aí atualizadas, ou seja, reproduzidas.

Tal como observado por muitos pesquisadores do tema², todo leitor, ao falar de si, da leitura ou dos livros e textos que leu o faz como ser social. Como seres sociais compartilhamos consensos estabelecidos sócio-histórica e culturalmente e enunciamos segundo esses consensos³. Logo, o que dizemos e como dizemos sobre a leitura e sobre nós como leitores se inscreve em discursos consensuais sobre a leitura e reitera representações coletivas. Com isso, ‘sabemos’ do que ter orgulho e do que ter vergonha ao nos referirmos ao que lemos e em função de quem são os nossos interlocutores.

Ainda que nos sintamos suficientemente orgulhosos de sermos leitores, sabemos, em maior ou menor medida, que certos autores e livros não dispõem da mesma validação, não são consagrados pela alta cultura, são alvo de críticas de leitores ‘profissionais’, especialistas, são textos desabonados por professores e pela escola, mesmo que alguns destes sequer tenham lido esses autores e obras de que

² Destacamos aqui os estudiosos nos quais em geral nos apoiamos nas pesquisas do LIRE, assim como nos próprios pesquisadores do grupo: Chartier (2019); Abreu (2001; 2006); Barzotto & Britto (1998); Curcino (2019b; 2022); Andretta & Curcino (2012); Curcino & Dourado (2019); Curcino; Varella; Oliveira (2019); Varella & Curcino (2014).

³ Esse é o princípio de base da Análise do Discurso. Cf. Courtine (2009); Foucault (1996).

não gostam⁴. Mesmo sem ter lido ou antes mesmo da leitura propriamente dita de um texto, nossos julgamentos são em grande medida formados previamente pelo que sabemos ser os julgamentos validados, mais comumente em circulação à respeito da leitura, do que é ser leitor, de quem são os autores etc.

Nossa escolha, nesta pesquisa, de levantar e de analisar comentários feitos em rede social sobre a obra de um autor específico, Paulo Coelho, se pautou justamente nesse saber prévio, bastante difundido, validado pelos especialistas que julgam negativamente sua escrita, e cujo julgamento se difunde, ganha as escolas e impacta a opinião geral, até mesmo aquela dos leitores que gostam de ler seus livros.

Partindo desse pressuposto, na seleção dos enunciados buscamos os comentários de leitores que, ao comentarem seu contato com a leitura das obras desse autor, apresentam de forma tanto explícita quanto implicitamente uma certa vergonha, não de ser leitor, mas de ser leitor das obras desse autor ou de ter lido e gostado de alguma dessas obras.

Esses enunciados, mais do que resultarem da opinião individual de cada leitor, refletem uma ordem coletiva, pois funcionam segundo a “ordem do discurso” tal como a define Michel Foucault (1996), como o conjunto de discursos encontrados dentro do dizível de uma sociedade em determinado contexto histórico para validação de regra ou controle de uma realidade:

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p. 8.)

A análise que apresentamos a seguir desses enunciados que constituem o *corpus* desta pesquisa foi fundamentada nos princípios da Análise do Discurso e da História das emoções, bem como nos trabalhos realizados pelo grupo LIRE sobre os discursos sobre a leitura e as representações dos leitores.

⁴ A esse respeito, cf. Bayard (2007).

2. CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS*

2.1. Contextualização sobre a plataforma Skoob

Para fins de construção do *corpus*, este trabalho utilizou como fonte resenhas produzidas na plataforma online e gratuita “Skoob” (disponível no endereço eletrônico <https://www.skoob.com.br/>, e que também conta com uma versão em aplicativo para dispositivos móveis), uma rede social brasileira destinada a públicos que têm em comum o interesse pela leitura. O desenvolvedor da plataforma é Lindenberg Moreira, que a intitulou tomando como referência a palavra inglesa “books” escrita ao contrário, cujo significado é “livros”.

A rede Skoob foi lançada em janeiro de 2009 e logo nos primeiros três meses atingiu a marca de 10 mil usuários cadastrados, número que cresceu exponencialmente e de forma muito rápida, chegando à marca de 7 milhões de “skoobers” (como ficaram conhecidas as pessoas que utilizam a plataforma) atualmente (SKOOB, 2022). Entre os motivos para seu sucesso, é possível citar sua ligação com outras redes sociais consolidadas, como o Facebook, Instagram, Twitter e YouTube, nas quais o Skoob mantém um perfil próprio para divulgação de conteúdos, além de possibilitar que seus usuários compartilhem suas ações dentro da plataforma nas demais redes.

Aliado às outras redes sociais, o Skoob também ganhou notoriedade e apoio por parte de lojas de comércio eletrônico que têm livros em seus catálogos de produtos. Não sem razão, em setembro de 2021, a plataforma foi adquirida pela empresa Lojas Americanas, afirmando ainda mais a influência que o Skoob adquiriu no mercado livreiro.

No quesito funcionalidade, o Skoob permite que seus usuários criem estantes virtuais, nas quais adicionam os livros já lidos, livros que têm interesse em ler, que estão lendo, relendo ou de que abandonaram a leitura. Tais dados constituem o perfil de cada usuário e podem ser visualizados por todos, reafirmando o caráter social da rede. Assim, viabiliza-se a reunião e a criação de laços de afinidade entre usuários que se identificam.

O fato de ser uma plataforma autenticamente brasileira contribui na formação desse sentimento de comunidade, reunindo falantes de uma língua em comum que

manifestam “seus gostos literários, mais ou menos modelados pelos *habitus* do sistema social onde se dão as práticas de produção, circulação e recepção dos bens culturais.” (OLIVEIRA, 2014). Pensando nisso, o Skoob admite a criação de grupos literários, aproximando ainda mais leitores que compartilham de gostos similares.

A rede social é também um acervo, uma biblioteca digital, em que qualquer pessoa pode pesquisar por informações a respeito de obras de que tenha interesse, tais como o título original, o nome do autor, a editora, a capa, a sinopse, a comparação de preços entre lojas, entre outras. Quando uma obra não está inserida no acervo, o próprio usuário é capaz de catalogá-la e seus dados são verificados antes de serem postados. Dependendo do livro, o Skoob também apresenta outras edições publicadas e até indicações de outras obras com temática similar.

Para além dos dados de leitura, os skoobers são capazes de classificar as obras literárias em uma escala de estrelas (de uma a cinco estrelas, sendo cinco a nota mais alta que um livro pode receber) e escrever resenhas sobre as mesmas, ampliando as possibilidades de julgamento frente às obras. Entretanto, ficará evidente, neste trabalho, que tais resenhas nem sempre estão livres de visões frequentemente adotadas pelo senso comum, levando seus escritores a suprimir parcialmente seus posicionamentos ou até mesmo “se desculparem” por eles.

Figura 1: Exemplo de estrutura das páginas de livros no Skoob.

The screenshot displays the Skoob website interface for the book 'O Alquimista' by Paulo Coelho. The page is structured as follows:

- Capa da obra:** A red-bordered box highlights the book cover image.
- Título da obra:** A red-bordered box highlights the title 'O Alquimista'.
- Avaliações em estrelas:** A red-bordered box highlights the star rating '3.8' and '35.517 avaliações'.
- Informações de leitura:** A red-bordered box highlights a table with reading statistics:

LERAM	LENDO	QUEREM LER	RELENDO	ABANDONOS	RESENHAS
116.618	938	11.196	128	1.361	1.282
- Sinopse:** A red-bordered box highlights the synopsis text.
- Gênero:** A red-bordered box highlights the genre information: 'Literatura Brasileira / Romance / Autoajuda / Ficção / Filosofia / Religião e Espiritualidade'.
- Edições similares:** A red-bordered box highlights a section with 22 similar editions.
- Obras similares:** A red-bordered box highlights a section with 45 similar books.
- Resenhas:** A red-bordered box highlights a review by Cris Lasaltis, dated 29/12/10.

Fonte: <https://www.skoob.com.br/o-alquimista-3ed4.html> (2022), modificado pelo autor.

2.2. Metodologia de seleção do *corpus*

A primeira etapa para a seleção dos enunciados para o *corpus* desta pesquisa foi encontrar a página do autor Paulo Coelho no Skoob. Nesta, além das avaliações dos usuários sobre o autor e suas obras, é possível ter acesso a uma pequena biografia dele, à quantidade de livros de sua autoria cadastrados na plataforma, à quantidade de leitores que o leram, assim como ao atual número de seguidores.

Figura 2: Print da página do autor Paulo Coelho na plataforma Skoob.

The screenshot shows the author profile for Paulo Coelho on the Skoob platform. At the top, there is a search bar and navigation icons. The profile section includes a photo of Paulo Coelho, a 4.5 star rating with 2,782 reviews, and statistics: 82 books, 209,644 readers, and 3,261 followers. Below this, it lists genres (romance, drama), birth date (24/08/1947), and location (Rio de Janeiro). A short biography follows, mentioning his work as a director, actor, composer, and journalist, and his collaborations with Elis Regina and Rita Lee. A section titled 'Livros publicados por Paulo Coelho (82)' displays a grid of book covers, including 'O Dom Supremo', 'A Espia', and 'Adultério'. There are also buttons for 'Seguir' and 'Editar'.

Fonte: Skoob.

Na parte mais inferior da página, há os livros publicados pelo autor cadastrados pelos próprios usuários da plataforma. Dessa forma, há obras repetidas, uma vez que os usuários cadastram livros em suas diversas edições. Na parte inferior da página, estão disponíveis todos os livros cadastrados do autor na plataforma, totalizando 82 obras. Cada obra remete a uma página específica, ou seja, a espaço onde figuram as 'resenhas' dos usuários assim como os comentários sobre algumas dessas 'resenhas' também postados pelos usuários.

Para a pesquisa, decidimos acessar todas as entradas disponíveis de cada obra, ou seja, cada página, e considerar todos os comentários e resenhas disponíveis em cada uma delas. Produzimos um quadro, que se encontra como Anexo 1 deste trabalho, no qual indicamos cada obra, cada link de acesso às resenhas dos usuários e seus eventuais comentários, em que indicamos a quantidade de comentários para cada obra e resenha, tal como se encontrava na plataforma em dezembro de 2020, período em que realizamos a coleta do *corpus*. É interessante ressaltar que as entradas, por link, neste quadro no Anexo 1, foram organizadas na mesma ordem de exibição das obras apresentadas na plataforma Skoob, que não segue a cronologia de publicação dos livros, mas sim a cronologia das postagens das obras e 'resenhas' e comentários dos usuários.

Acessamos o link de entrada para os comentários de cada livro, conforme a ordem com que foram apresentados na página, iniciamos a consulta, acessando o primeiro livro cadastrado na página do autor, até chegarmos ao último. A primeira entrada de acesso ao primeiro livro disponível é “O Teatro na Educação” (1978), enquanto a última, o título em questão é “O dom supremo” (1991). No entanto, para a análise do *corpus* foi considerada a ordem cronológica de publicação.

Ao acessar cada página de ‘resenha’ de cada livro, nossa primeira observação foi identificar a existência ou não de comentários. Ao verificarmos que havia comentários dessas ‘resenhas’, acessávamos e navegávamos pela página e para os links a que eventualmente elas remetiam. Nas páginas do livro “Palavras Essenciais” (1999) e “O Caminho do Arco” (2008), por exemplo, a quantidade de comentários existentes não era grande, assim havia apenas uma página com os comentários. No entanto, na página do livro “Veronika decide morrer” (1998), em sua edição em português, com mais de 360 comentários, foi necessário o acesso a todas as páginas das resenhas para a seleção dos enunciados.

Ao adotarmos essa metodologia exploratória dos dados, foi possível identificar todos os comentários existentes até a data mencionada acima, lê-los, identificar a data de sua postagem e, diante daqueles que nos pareciam remeter a algum indício de expressão de ‘vergonha’, verificar suas características linguísticas e discursivas que atestassem essa expressão da vergonha, de forma implícita ou explicitamente.

A partir desse processo longo de leitura e análise prévia para a constituição do *corpus*, quando estávamos diante de um enunciado que pudesse responder ao nosso objetivo de pesquisa, procedíamos a sua seleção utilizando o recurso de *printscreen*. Em seguida, montávamos um arquivo com essa imagem, com a indicação do link e fonte, cuidávamos para não expor os usuários que realizaram tais resenhas, e categorizávamos esses enunciados em grupos com semelhanças quanto ao que enunciavam, ao modo como enunciavam, ao discurso sobre a leitura e à representação do leitor que lhes eram comuns.

Assim, delimitamos com essa análise prévia, as seguintes categorias: 1) “*Li e gostei, mas...*”, subdividido em “*Quando se gosta, mas é preciso ser contido nessa declaração*” e “*Quando se gosta, mas é preciso marcar distância*”, e 2) “*Li, mas não*

devia ter lido”, subdividido, por sua vez, em “*Quando se lê, mas é preciso responsabilizar um outro por isso*” e “*Quando se lê, e se expressa arrependimento de tê-lo feito*”.

Após essa metodologia para a categorização dos enunciados selecionados, delimitamos como *corpus* específico deste trabalho um total de 15 comentários/resenhas. Esses enunciados se referem às seguintes obras, respectivamente dispostas na seguinte ordem, nas análises: “O Alquimista” (1988), “Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei” (1994), “Brida” (1990), “Dom Supremo” (1991), Veronika decide morrer (1988), O Demônio e a Srta. Prym (2000), A Bruxa de Portobello (2006), Híppie (2018), O Diário de um Mago (1997), O Aleph (2010), Manuscrito Encontrado em Accra (2012) e A Espiã (2016).

3. ANÁLISE DOS ENUNCIADOS

Na leitura dos vários e variados comentários daqueles que declararam ter lido um ou mais de um livro de Paulo Coelho, é possível distinguir, de início, aqueles que afirmam ter lido e gostado e aqueles que afirmam ter lido e não gostado. Entre os primeiros, que leram e afirmaram ter gostado, observamos que boa parte dessas postagens apresentam também certas ressalvas, visando ora demonstrar certa contenção, ora demarcar um certo distanciamento ao se referir positivamente à obra. Assim, mesmo declarando ter lido e ter gostado da leitura, esses leitores se veem na injunção de justificar a razão de terem lido e gostado, de maneira a modalizar o quanto gostaram e de sinalizar alguma distância crítica quanto ao autor, ao gênero, ao estilo. Isso indicia uma relação de relativa vergonha, de uma vergonha implícita, expressa de forma mais sutil, de se afirmar leitor, ainda que eventual, de obras de Paulo Coelho.

Isso advém do fato de que, como leitores, compartilhamos um dizível sobre a leitura, dizível este inscrito em uma ‘memória discursiva’⁵, histórica e culturalmente

⁵ Ver a definição deste conceito apresentada por Curcino (2022, p. 12): “Segundo Courtine (2009, p.105) ‘a noção de memória discursiva diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas regidas por aparelhos ideológicos; ela visa o que Foucault (1971, p. 24) levanta a propósito dos textos religiosos, jurídicos, literários, científicos, ‘discursos que originam um certo número de novos atos, de palavras que os retomam, os transformam ou falam deles, enfim, os discursos que indefinidamente, para além de sua formulação, são ditos, permanecem ditos e estão ainda a dizer’”.

constituída e que é convocada quando falamos da leitura, de nós como leitores, mas também da leitura de certas obras e autores, e dos julgamentos, coincidentes ou distintos, que sobre eles circulam em diferentes instâncias culturais.

Para a Análise do Discurso, a “memória discursiva”, coletiva e histórica, atua na constituição e formulação dos enunciados dos quais, segundo Courtine (2009), organiza tanto sua recorrência, seu retorno, sua duração quanto sua anulação e apagamento. (CURCINO, 2019b, p.491)

Dado esse funcionamento da ‘memória discursiva’ sobre a leitura, ela também comporta o que já foi dito sobre a leitura de certas obras e autores, de modo que esse dizível, anterior e institucionalizado, pode retornar tal como se observa em alguns desses comentários que aqui analisaremos, e nos quais vemos emergir uma série de representações da obra, do autor e dos próprios leitores dessa obra e autor, que os desabona ou valoriza e que são retomados quando outros sujeitos se põem a enunciar à respeito, justamente em função desse funcionamento da ‘memória discursiva’⁶.

Como demonstraremos, nesta categoria de enunciados de nosso corpus “*Li e gostei, mas...*”, pode-se perceber que a postura envergonhada do leitor, além de ser implícita, é resultante do saber compartilhado do não reconhecimento cultural da leitura de livros *best seller* (instância em que as obras de Paulo Coelho se localizam) como sendo uma atitude legítima ou própria do que se considera, entre nós hoje, ser e dever ser um bom leitor.

3.1.Quando se gosta, mas é preciso ser contido nessa declaração

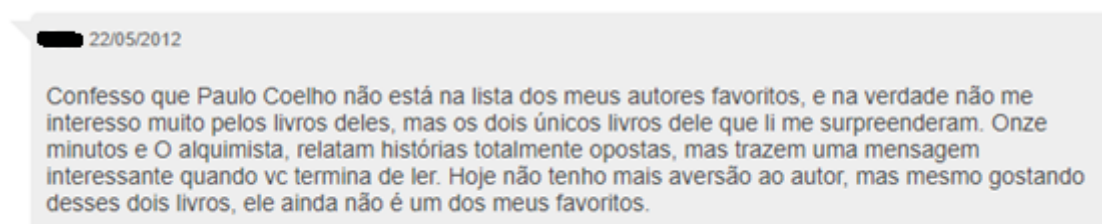
Tendo adotado a ordem cronológica das publicações literárias do autor Paulo Coelho como parâmetro para ordenamento, em cada categoria, dos enunciados que analisamos, o primeiro comentário desta categoria, obtido na página da rede Skoob, refere-se à obra *O Alquimista*, de 1988, quarta obra publicada pelo autor.

⁶ Uma análise semelhante desse funcionamento da memória discursiva que é convocada e atualizada quando os leitores falam de si e do que leem pode ser encontrada em Borges (2019).

Por ser um *best seller*, o livro conta com uma grande quantidade de leitores que o comentam nesta plataforma e que o classificam em diversos segmentos: literatura Brasileira, romance, autoajuda, ficção, filosofia, religião e espiritualidade⁷.

O *Alquimista*, de 1988, é considerado o livro mais famoso do autor, sobretudo, por ser a obra mais traduzida no mundo, como também por ser o livro brasileiro mais vendido mundialmente. De forma resumida, a obra narra uma peregrinação durante a qual o personagem principal desenvolve seu autoconhecimento. Por conta do sucesso editorial deste livro, Paulo Coelho é considerado o autor brasileiro mais lido fora do território nacional. No primeiro comentário sobre a obra, e que correspondia a essa categorização analítica que criamos, se lê:

Figura 3 –Comentário sobre “O Alquimista” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob.

O leitor demonstra sua opinião e análise sobre a obra, introduzindo-a com o verbo performativo “confessar” em primeira pessoa do singular. A partir disso, o sujeito-leitor demarca que tanto o autor quanto os livros do escritor não estão entre seus favoritos e não despertam o seu interesse. No entanto, essa demarcação é seguida pela conjunção adversativa “mas”, expressando uma oposição ao que foi dito anteriormente, uma vez que o sujeito expressa que os dois livros desse autor, que não é um dos seus favoritos, o surpreenderam. A quebra de expectativa causa efeito de sentido de uma declaração mais contida por parte do leitor. Essa

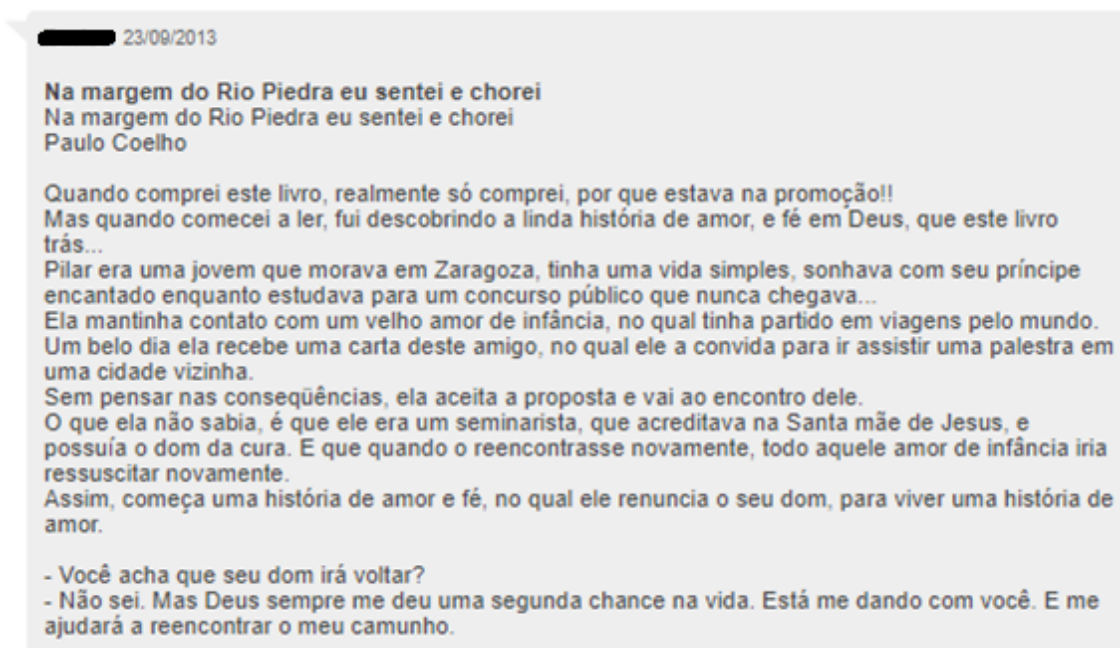
⁷ A sua classificação como “autoajuda” será comentada por diversos leitores, não apenas em relação a esta obra, mas também em relação a outras do mesmo autor. Essa classificação se alia a outra em que comumente se enquadra a obra desse autor, a de “religião e espiritualidade”, uma vez que o gênero de autoajuda mantém uma relação discursiva de “[...] proximidade com o modus operandi religioso de pretender fornecer respostas e meios de superação a problemas de diversas ordens.” (ALMEIDA & CURCINO, 2019, p. 115).

declaração se dá de forma mais tímida, pois os livros citados não remetem a obras que em geral podem ser declaradas em alto e bom som que se leu e que se gostou, afirmando isso com orgulho, de forma grandiloquente, porque sob a proteção da avaliação de especialistas de dizeres provenientes de instituições formais (universidade, escola). Uma vez que se trata de um autor de grande popularidade que, na visão da crítica literária, não publicou um livro de importância para a constituição e desenvolvimento da literatura brasileira, logo, Paulo Coelho e suas obras estão sempre sob o risco dessa comparação com grandes autores e do julgamento negativo, que recai também sobre seus leitores. Diferentemente das avaliações positivas de que dispõem os livros clássicos da literatura brasileira, as obras de Paulo Coelho são marcadas pelo questionamento de sua relevância, valor literário, qualidade de escrita, contribuição temática, sempre com a régua comparativa com autores clássicos e consagrados.

Após realizar um pequeno relato sobre as mensagens dos dois livros citados, o sujeito-leitor novamente articula seu enunciado com a mesma estrutura anterior: uso de duas posições opostas por meio da conjunção adversativa “mas”. Assim, este acentua mais uma vez que, apesar de gostar desses dois livros de Paulo Coelho, o autor não é um dos seus favoritos. Isso reafirma a classificação desse enunciado como uma declaração ponderada, contida, plena de ressalvas de modo a, de um lado, afirmar que leu e gostou do que leu, de outro, se resguardar de críticas afirmando ter gostado destas mas não do próprio Paulo Coelho e sua obra.

O próximo comentário selecionado para essa categoria de análise foi retirado da página do livro “Na Margem do Rio Pedra Eu Sentei e Chorei”, de 1994. Assim como a obra anterior, esse livro tem como uma de suas principais temáticas o autoconhecimento, agora rearticulado em uma narrativa de uma relação amorosa entre a personagem Pilar e seu amigo.

Figura 4 – Comentário sobre “Na margem do Rio Piedra eu sentei e chorei” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob

Para a análise desse comentário, serão realizados alguns recortes, uma vez que grande parte desta é focada em fazer um resumo da obra:

Recorte (1): “Quando eu comprei este livro, só comprei, por que estava na promoção!!”

Recorte (2): “Mas quando comecei a ler fui descobrindo a linda história de amor, e fé em Deus que este livro traz...”

A partir desses dois recortes, nota-se uma declaração contida sobre o gosto do leitor. No Recorte (1), o leitor justifica sua escolha na aquisição do livro físico por conta de uma promoção. A forma linguística condicional “só”, redução de somente, denota uma condição necessária para a compra do livro. Dito de outro, o seu interesse pela leitura deste livro não partiu do interesse pela obra do autor ou por essa obra em especial. Essa declaração demonstra que o sujeito ‘sabe’, já ouviu e compartilha do julgamento que em geral recai sobre a produção literária deste autor. Não foi uma aquisição motivada, seja em função do autor ou das temáticas que ele aborda, mas antes uma compra ao acaso e apenas porque o valor era bastante

acessível. Essa afirmação protege a face do leitor, zela da imagem que imagina precisar zelar ao se apresentar como leitor desta obra em uma rede social. É porque se sabe que o livro é um *best seller* e não um clássico da literatura, e é porque se sabe que ler *best seller* não goza do mesmo prestígio do que se declarar leitor de um clássico, que esse enunciador preferiu se resguardar no modo como revela ter lido a obra.

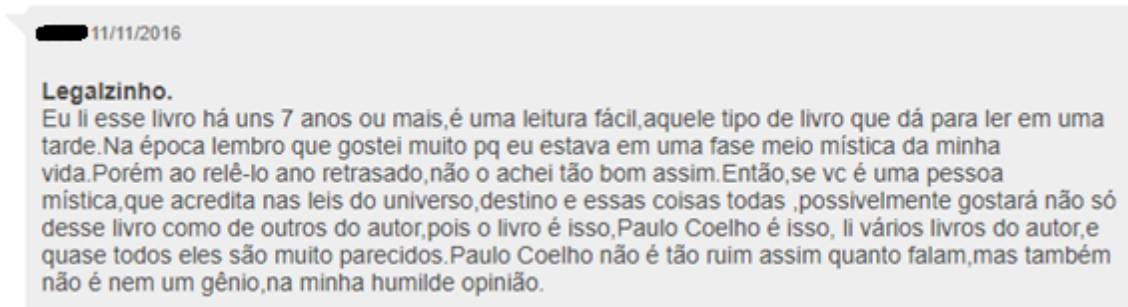
O Recorte (2), introduzido por uma conjunção adversativa “mas”, estabelece uma oposição ao Recorte (1). Com essa análise, visualiza-se a regularidade linguístico-discursiva de, ao se declarar leitor da obra deste autor, ser necessário se apresentar uma justificativa para a leitura, valendo-se para isso de uma estrutura gramatical que expressa esse conflito adversativo, em relação à ressalva que foi necessário fazer antes. Embora o leitor tenha desfrutado da leitura de maneira positiva, ele recorreu a uma forma de apresentar isso de maneira contida, e por isso envergonhada. A ressalva inicial poderia ser um mero recurso de contextualização de como um leitor chegou a uma obra. No entanto, a regularidade dessas ressalvas em declarações de leitores de obras como a de Paulo Coelho demonstram que o objetivo principal desse tipo de introdução não é o de apenas contextualizar a forma de contato com um livro, autor que em geral se desconhece e do qual se gosta depois da leitura. Essa ressalva demonstra que o leitor sabe de antemão quem é Paulo Coelho e sabe o que em geral a crítica literária, os estudiosos, os professores, os leitores com prestígio dizem sobre o autor e sua obra. Tal como descreve Curcino (2019c), mais do que contextualização ela é um pedido de desculpas, um *habeas corpus* pela culpa assumida de ter gostado de ler.

3.2 Quando se gosta, mas é preciso marcar distância

O segundo subtópico de análise foi delimitado a partir de leitores que expressam ter gostado do livro, entretanto demarcam um distanciamento entre suas práticas de leitura e as obras do autor. Essa distância é presente por conta da concepção relacionada à memória discursiva e às formações discursivas que em geral norteiam o que se diz das obras e do próprio autor Paulo Coelho.

Seguindo a mesma ordem da análise do subtópico anterior, a ordem dos comentários seguirá as datas de publicação das obras. Dessa maneira, o primeiro comentário também foi retirado da página do site do livro “O Alquimista”.

Figura 5 – Comentário (2) sobre “O Alquimista” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob.

O título do comentário em questão já provoca uma certa ideia sobre qual opinião o leitor tem sobre a obra. O diminutivo do adjetivo “legal”, de imediato, marca o distanciamento que o leitor delimita entre a obra e o seu próprio gosto de leitura, uma vez que expressa isso jogando com a semântica desse grau expresso morfologicamente pela marca “zinho”. O diminutivo pode expressar afeto e com isso funcionar semanticamente de maneira eufórica, como também pode expressar menosprezo, e funcionar semanticamente de maneira disfórica, negativa, como parece ser o caso aqui analisado.

No corpo do comentário, esse distanciamento também é marcado temporalmente por meio da mobilização do tempo presente e passado. Este último coincidente com o tempo de juventude, e esta como etapa da imaturidade, da inexperiência, é por isso muitas vezes empregado como álibi para justificar o que se fez e que se julga ter sido um erro. O leitor afirma que era jovem e que estava em uma fase de proximidade com a temática “mística” da obra. Tendo mudado de fase, amadurecido, o comentário da releitura da obra o obriga a se redimir das duas leituras, justificando que a primeira, de que gostou muito, resultou da juventude e de um interesse temático daquele passado, a segunda, de que não gostou mais, como sendo ‘a leitura’ enfim correta, acertada, justa, madura, por isso crítica e negativa,

em conformidade com o que em geral se diz quando se quer dar uma representação mais próxima daquela do “leitor ideal”.

A partir de uma estrutura de hipótese (se... então....) junto à presença do uso do pronome da 2ª pessoa do singular “você” como forma de se referir a um leitor genérico, ou seja, um pronome com o valor semântico de interpretação genérica, uma vez que não se refere e não se dirige especificamente a um interlocutor, mas a todos que possam aproveitar da informação, o sujeito-leitor recomenda a leitura das obras de Paulo Coelho para outras pessoas.

Para isso, apresenta as temáticas que, segundo o leitor, são tratadas na maioria das obras do escritor (“leis do universo”, “destino e essas coisas”). Isto é, as formações discursivas relacionadas ao nome de Paulo Coelho trazem consigo a ideia de que os livros do autor têm histórias parecidas com temáticas mais místicas, algo que também se refletirá na classificação dos gêneros de suas obras, não só na rede social onde o *corpus* foi delimitado, mas nas diversas classificações de livrarias ou fóruns de resenhas de livros. Esse aspecto também será analisado com base no conceito de função-autor definido por Foucault (2006), e que será tratado de forma mais aprofundada em outros comentários selecionados do *corpus* mais adiante.

Por fim, o sujeito-leitor demarca mais uma vez seu distanciamento dos leitores que leem e gostam de ler Paulo Coelho através da expressão de relativa indiferença, de certo menosprezo, quanto ao autor. Ao dizer que “Paulo Coelho não é tão ruim assim quanto falam, mas também nem um gênio”, o leitor busca uma forma de justificar porque um dia já leu e já gostou e hoje não gostar mais, de modo a não ofender esse fórum de leitores que assumem ter lido e gostado de ler este autor, mas o faz marcando distância dessa sua fase e atribuindo a esse seu gesto o ponto de vista de um leitor redimido de seu passado e hoje indiferente às obras deste autor.

O adjetivo “humilde” precedente ao substantivo “opinião” também busca evocar um certo distanciamento desse leitor com relação às obras do autor e aos leitores que apreciam tais obras, uma vez que expressa sua opinião de maneira relativizada e branda, não impositora, abrindo margem para opiniões contrárias ou até mesmo assumindo que pode estar equivocado. Tal marca linguística expõe a condição do leitor maduro capaz de avaliar a obra de um autor de renome.

O próximo comentário foi selecionado da página do livro *Brida*, de 1990. Segundo a sinopse disponível no Skoob (2022),

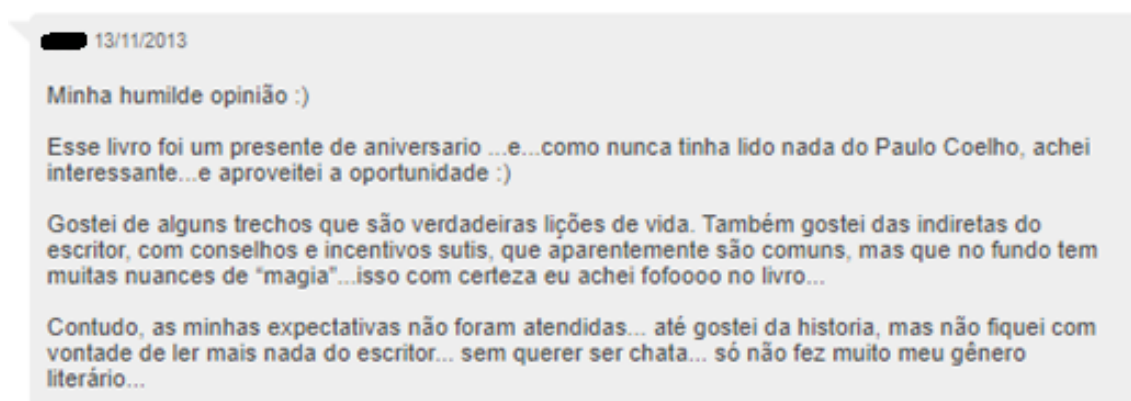
Figura 6 - Sinopse *Brida* disponível na plataforma Skoob.

O livro conta a história de Brida O' Fern, uma irlandesa de 21 anos em busca da magia e dos poderes ocultos. Durante sua busca, Brida conhece um mago, Mago de Folk, que promete ensiná-la através da Tradição do Sol, que explica tudo através da natureza e de suas manifestações divinas. Mas Brida toma, na verdade, como mestra, Wicca, uma bela mulher que lhe ensina através da Tradição da Lua, a antiga Tradição das Bruxas, que explica o Universo através da Sabedoria e do Tempo.

Fonte: Skoob.

Sabendo a sinopse do livro, será possível identificar alguns dos aspectos do livro a que o seguinte leitor faz referência:

Figura 7 - Comentário sobre “*Brida*” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob.

Para salientar que o comentário se refere a sua opinião exclusivamente, o leitor o inicia colocando “minha humilde opinião” como um título. Nesse início de enunciado, o adjetivo “humilde” carrega consigo, mais uma vez, um valor semântico de grande peso, diferente do que seria dizer simplesmente “minha opinião”. Com ele, o autor do comentário busca tranquilizar e apaziguar os demais usuários da plataforma que leriam a resenha - tanto aqueles que apreciam a obra e o autor quanto aqueles que os criticam e, mais ainda, criticam quem gosta -, na tentativa de não receber duras críticas por aquilo que seria apenas uma opinião. Assim, o leitor, de certa forma, “pede licença” para poder expressar sua opinião, como se esta

fosse sua em particular e não a reprodução de pré-conceitos já enraizados acerca da obra. Mais do que isso, pede desculpas antecipadas, logo no que seria o título de seu comentário, ao contrário da estratégia utilizada pelo comentário acima, que primeiro apresenta seus argumentos e, então, arremata com o pedido de licença.

Em seguida, este coloca um emoji, elemento de grande presença nos ambientes das redes sociais. Isso atribui ao texto uma característica multimodal, uma vez que se mesclam palavras e emoji. No contexto desta publicação em rede social, esse tipo de imagem pode ter sido utilizado como forma de representar um sorriso enquanto se expressa para esclarecer que se trata de uma linguagem não agressiva e para produzir uma imagem simpática e leve.

A razão apresentada para o leitor como responsável por ele ter lido o livro é a de que ele lhe foi dado como presente de aniversário. Isso já marca um certo distanciamento seguro que este leitor quer garantir ao comentar que já leu este autor e obra. Com essa contextualização ele justifica a razão de ter lido, de modo que isso não pode ser visto como mera contextualização da ocasião em que leu, mas sim uma maneira de deixar claro ser um tipo de livro que ele não leria se dependesse dele para comprar ou emprestar em uma biblioteca. Isso fica mais evidente quando ele afirma não ter lido nada deste autor antes de ganhar este livro de presente e quando diz que não lerá mais nada.

Apesar desse distanciamento, o leitor descreve de maneira bastante econômica e pouco entusiasmada que gostou do livro, ou melhor “de alguns trechos” do livro. Os adjetivos empregados são de conotação neutra e pouco tendenciosos, sem a intenção de elogiar e nem de criticar, como no trecho “achei interessante”, com um adjetivo comumente utilizado para desempenhar tal função. O leitor também não diz que gostou do livro, diz que “até gostei do livro”. Ele mostra que havia antes uma expectativa negativa quanto ao que encontraria, e que tendo encontrado algo bom, o uso desse “até” é um meio de atenuar, de relativizar a afirmação de que gostou.

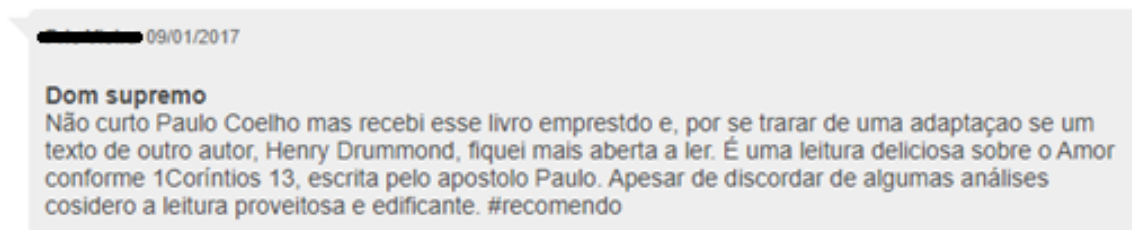
Um dos elementos citados marca a interdiscursividade nas obras de Paulo Coelho com o discurso de autoajuda, marcado linguisticamente no comentário pelos termos “lições de vida” e “conselhos e incentivos sutis”. Essa observação, Outra marca de heterogeneidade discursiva presente nas obras de Paulo Coelho também

é expressa nesse comentário. O discurso religioso, ao qual se aproxima um segmento da autoajuda, também se expressa nas obras do autor e isso se transmite neste comentário por meio do termo “magia” (reticências).

Novamente, o leitor estabelece alguma distância dessa obra ao relatar que suas expectativas não foram atendidas e, por conta disso e de não se identificar com as temáticas tratadas, não pretende ler outras obras de Paulo Coelho.

Com a finalização da análise anterior, pretende-se tratar do comentário a seguir, o qual se refere ao livro “Dom Supremo”, de 1991.

Figura 8 - Comentário sobre “Dom Supremo” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob

De início, o leitor trata de deixar explícita sua opinião sobre as obras do autor, e o faz com um início de frase simples e direto: “Não curto Paulo Coelho”. Com o emprego da negativa, cujo escopo recai sobre o verbo que se segue “curtir”, de tipo declarativo e que expressa valor semântico positivo, como sinônimo do verbo “gostar”, flexionado em primeira pessoa do singular, o enunciador declara sua posição e opinião de imediato. Ele não apenas se refere à obra que comenta, mas estende essa sua opinião a todos os demais livros do autor, ao se valer de figura de linguagem, como a da metonímia. O uso dessa figura de linguagem causa um efeito de sentido que rearticula todos os sentidos e valores associados ao autor dentro da sociedade e cultura. Esse artifício linguístico demonstra que

[...] um nome de autor não é apenas um elemento em um discurso, “ele exerce um certo papel em relação ao discurso: assegura uma função classificatória; tal nome permite reagrupar um certo número de textos, delimitá-los, deles excluir alguns, opô-los a outros” (FOUCAULT, 2006, p.273 apud CONTI, 2019, p.86).

O leitor continua demonstrando a sua posição de não preferência aos livros do autor com duas justificativas para sua leitura.

O primeiro argumento exposto é de que o livro lhe foi emprestado: "mas recebi esse livro emprestado". Essa é uma estrutura linguística muito interessante: para reiterar seu distanciamento, sua posição crítica em relação à obra deste autor, o enunciador responsabiliza um sujeito indeterminado pelo empréstimo desse livro. O verbo "emprestar" contempla duas direções agentivas: pode-se emprestar algo a alguém, pode-se tomar algo emprestado de alguém. No caso em questão, o modo como foi construído o enunciado não responsabiliza o enunciador como sujeito da ação. Ele é um sujeito paciente, que sofre a ação, como se o empréstimo desse livro não tivesse sido pedido nem desejado por aquele que enuncia, mas provocado, incitado, diante da ação de "emprestar" assumida por um sujeito agentivo.

O segundo argumento é o de que sua leitura foi feita, primeiro porque recebeu o livro emprestado e porque o livro se tratava de uma adaptação de outro autor, no caso, Henry Drummond, autor escocês, do século XIX, visto pelo enunciador como um autor com mais prestígio do que Paulo Coelho. Ao realizar essa referência, o leitor constitui uma representação discursiva de si, visto que este se apresenta como um leitor que conhece outros autores, e que gosta desses autores que dispõem de mais prestígio cultural e que por isso transferem esse prestígio para quem os lê.

A referência a esse autor é uma forma de validar a leitura do livro. Os nomes de autores, tanto o nome desse autor, como aponta Foucault (2006), assim como o nome do autor Paulo Coelho, funcionam como um índice importante de legitimação cultural em nossa sociedade. Não são nomes quaisquer. Gozam de um status, de um valor, que seu nome sob a capa de um livro adquire. No entanto, mesmo sendo ambos nomes de autores, há ainda uma escala de valores em disputa. Nem todo nome na capa de um livro garante a seu escritor o reconhecimento da "função autor". Além disso, mesmo dispondo desse reconhecimento um nome de autor pode ainda assim não dispor do mesmo prestígio de um outro em função de uma série de regras coletivas, compartilhadas, de relativa duração que organizam o campo literário e delimitam suas fronteiras e seus passes-livres ou não. O efeito de sentido visado pela justificativa dada pelo enunciador desse comentário da razão porque

provavelmente gostou de ler esse livro é justamente a de que esse livro não é um livro de Paulo Coelho. Assim, os dois nomes de autores em jogo servem para mostrar esse desequilíbrio entre eles, conforme enunciado, explorando, nessa referência aos nomes de autores uma dicotomia: a função-autor para Paulo Coelho remonta um a sentido associado a seu prestígio popular, mas não intelectual, enquanto a função-autor para Henry Drummond remonta, ao contrário disso e, por essa razão, o nome é colocado na resenha do leitor para justificar sua “abertura para a leitura”, e o próprio fato de ter gostado do que leu.

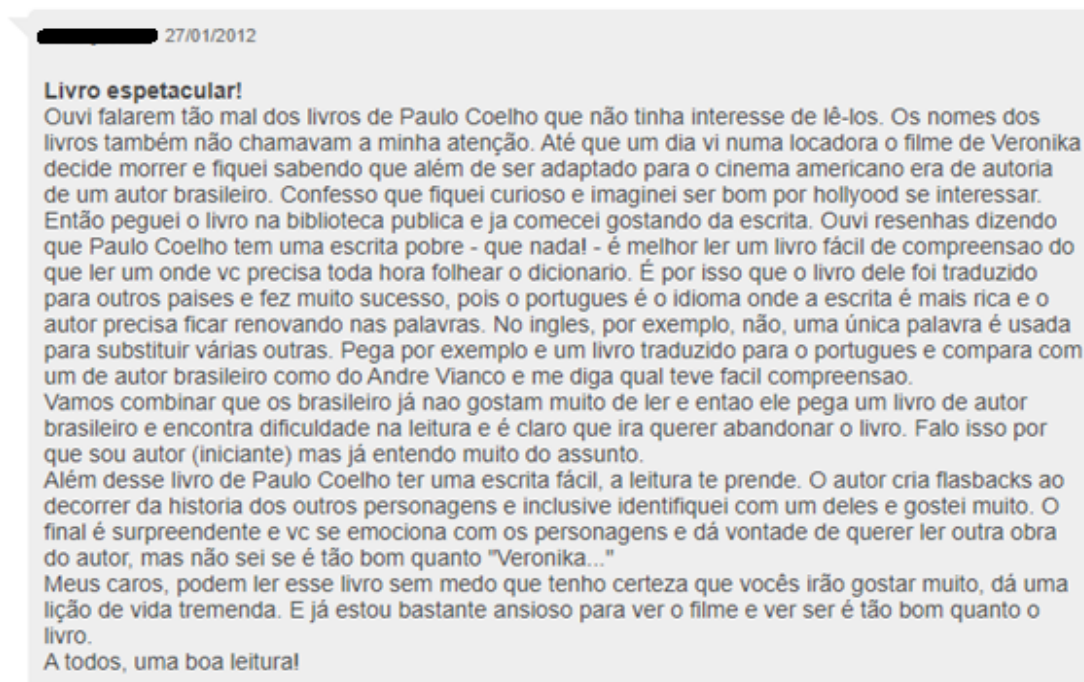
Além do nome de outro autor, o que justifica não apenas ele ter lido como também gostado do que leu é o tema muito próximo do texto bíblico, visto que o livro em questão trata de um trecho da carta de São Paulo aos Coríntios. Isso é expresso, pois há valor cultural e simbólico na leitura das mensagens de cunho religioso na sociedade brasileira, considerando o Brasil um país onde a população, em sua maioria, se declara cristã e tem a Bíblia como o livro mais lido, como demonstra o Instituto Pró Livro por meio da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”⁸. Se textos de autoajuda, como em geral são categorizados os textos de Paulo Coelho, são mal vistos por parte dos leitores, textos religiosos, em particular a Bíblia, contam com mais respeito.

Toda essa sequência de justificativas, contornos, contextualizações e explicações são indícios, ainda que indiretos, de uma certa ‘vergonha’ de se revelar leitor de Paulo Coelho, e mais ainda de dizer que gostou do que leu. Embora possa parecer paradoxal se expor em redes sociais para comentar livros e autores que se sabe de antemão não contarem com prestígio junto às camadas mais intelectualizadas da sociedade, um comentário como esse é ocasião para se autorrepresentar como um leitor crítico, maduro, com discernimento, com repertório, e que se sabe como falar dos livros que leu, em especial como falar de maneira envergonhada de ter lido e gostado, e orgulhosa em ostentar essa vergonha como meio de se distanciar mais ainda dos leitores que ainda leem e gostam de Paulo Coelho.

⁸ PRÓ-LIVRO. Retratos da Leitura no Brasil. 5. ed., set. 2020. Pesquisa realizada e coordenada pelo Instituto Pró-Livro com o apoio da Associação Brasileira de Livros Escolares (Abrelivros), da Câmara Brasileira do Livro (CBL) e do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL). Disponível em: X Acesso em: 14 de novembro de 2020.

Com a mesma característica desse subtópico de análise, encontra-se um comentário sobre o livro “Veronika decide morrer”, de 1998:

Figura 8 - Comentário sobre “Veronika decide morrer” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob.

A primeira informação levantada pelo leitor em seu comentário se relaciona com as formações discursivas sobre as obras de Paulo Coelho que trazem, sobretudo, o discurso de não-aceitação de um status literário das obras do escritor, que, por sua vez,

[...] seria o índice de uma ideologia que vê a prática literária como elitizada, prática de poucos, dirigida a um público seletivo. Por esse viés, o próprio entendimento e aceitação por parte do grande público representariam uma “falta” da obra e/ou do autor em relação a aspectos eruditos e literários. (PRADO, 2015, p.71).

E, semelhante a alguns dos comentários analisados anteriormente, demonstrando uma regularidade discursiva, o leitor relata o porquê de ter se interessado pelo livro. Esse interesse novamente não é algo que esteja associado ao interesse pela obra ou autor em si, mas por algo externo a ele, no caso, um acervo de filmes disponível para locação onde estava uma adaptação

cinematográfica do livro. Isso se dá por meio do seguinte enunciado: “fiquei curioso e imaginei ser bom por Hollywood se interessar”. Aqui, o leitor expressa a concepção de que a exportação de uma obra brasileira para uma adaptação cinematográfica hollywoodiana poderia dar à obra original maior status e relevância internacional e, logo, um aspecto intrigante para a leitura.

O leitor continua relatando como iniciou sua leitura e como havia ouvido discursos acerca da escrita do autor que a caracterizavam como “podre”. Ou seja, esses discursos ouvidos pelo leitor ditam que ler textos considerados ruins e irrelevantes faz de seus leitores

“[...] exemplos de não-leitores, em especial, aos olhos de leitores prototípicos (que leem literatura consagrada, que amam livros e que amam falar de suas leituras) e que gozam, portanto, de prestígio cultural por personificarem certas verdades, certos discursos autorizados sobre a leitura.” (CURCINO, 2019, p.23)

O leitor ressalta sua discordância com isso, reafirmando sua preferência por linguagens mais acessíveis, sem a necessidade de “folhear [um] dicionário”. Tal concepção irá remeter ao contraste entre a linguagem mais simples dos livros lidos pela população fora do ambiente acadêmico e a linguagem da literatura clássica, que, por permanecerem tanto temporalmente (com publicações em sua maioria dos séculos passados) quanto espacialmente distantes (por conta da inacessibilidade das esferas populares nos espaços em que essas obras circulam), se tornam intangíveis. Na percepção do enunciador, a literatura clássica não emprega a variante linguística da maioria da população e, por isso, torna-se uma literatura incompreensível e inalcançável.

O enunciador não apenas reproduz o que em geral se ouve sobre a obra de Paulo Coelho, não para aderir a esse discurso, mas em certa medida para se desidentificar com ele, como também reproduz um outro discurso concernente à leitura: aquele de que o brasileiro não lê ou de que se lê, o faz mal.

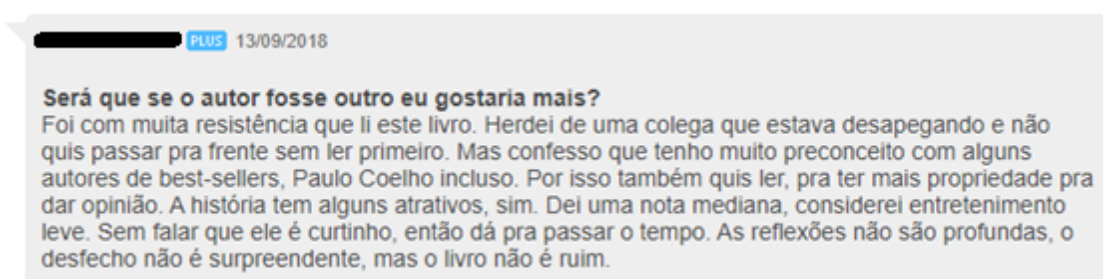
Recorte (3): “Vamos combinar que os brasileiros já não gostam muito de ler e então ele pega um livro de autor brasileiro e encontra dificuldades na leitura e é claro que irá querer abandonar o livro.

Aqui, há a presença de um enunciado que remete à concepção de que a prática de leitura no país não é algo comum ou prazeroso para a população. Esse enunciado difunde e se relaciona a outros discursos regulares na sociedade que, de

modo generalizado, afirmam que “o brasileiro não lê, pois não gosta de ler”⁹. Dado esse preconceito que circula como verdade sobre os leitores brasileiros, o enunciador formula a hipótese de que seria esperado que o leitor brasileiro, ao ler algo que não entende, abandone facilmente a leitura iniciada.

Seguindo cronologicamente as publicações das obras de Paulo Coelho e a disponibilidade de comentários que se relacionam à temática e classificação desse subtópico, chega-se à obra “O Demônio e a Srta. Prym”, de 2000, com o seguinte comentário:

Figura 9 - Comentário sobre “O Demônio e a Srta. Prym” selecionado para a composição do corpus.



Fonte: Skoob

O título do comentário “Será que se o autor fosse outro eu gostaria mais?” já demonstra o distanciamento entre as obras do autor e as práticas de leitura que o leitor considera boas e próprias de seu estilo. A centralidade que se dá à função autor demonstra como

[...] em uma certa medida, o nome do autor funciona como uma descrição, isto é, o nome de um autor remonta a toda a rede de sentidos associados a ele em uma certa sociedade. (FOUCAULT, 2009, p. 29 apud CONTI, 2019, p.86)

O enunciador do comentário demonstra como o nome de um autor pode influenciar a escolha para a leitura de um livro, e o faz por meio de uma pergunta retórica. Ela lhe permite justificar porque leu esse livro e autor, permite mostrar algum distanciamento crítico, para ao final oferecer uma resposta na qual se mostra de fato um leitor mais filiado à representação do leitor ideal, ao não se furtar de ler

⁹ Uma série de pesquisadores abordaram a regularidade desse discurso, como Abreu (2001) e Curcino (2019a).

um livro que não tinha lido e de com isso evitar a crítica que se faz àqueles que dizem de maneira ostentatória “não li e não gostei” quando se referem à obra de Paulo Coelho, como também de emitir uma crítica em termos relativamente técnicos, avaliando a extensão, a linguagem, o tema.

Por conta desse distanciamento, o sujeito conta que o que o levou a ler o livro foi tê-lo herdado de um amigo. Isto é, o leitor coloca como primeira justificativa de leitura um fator não relacionado com a obra em si, assim como alguns dos sujeitos leitores analisados anteriormente.

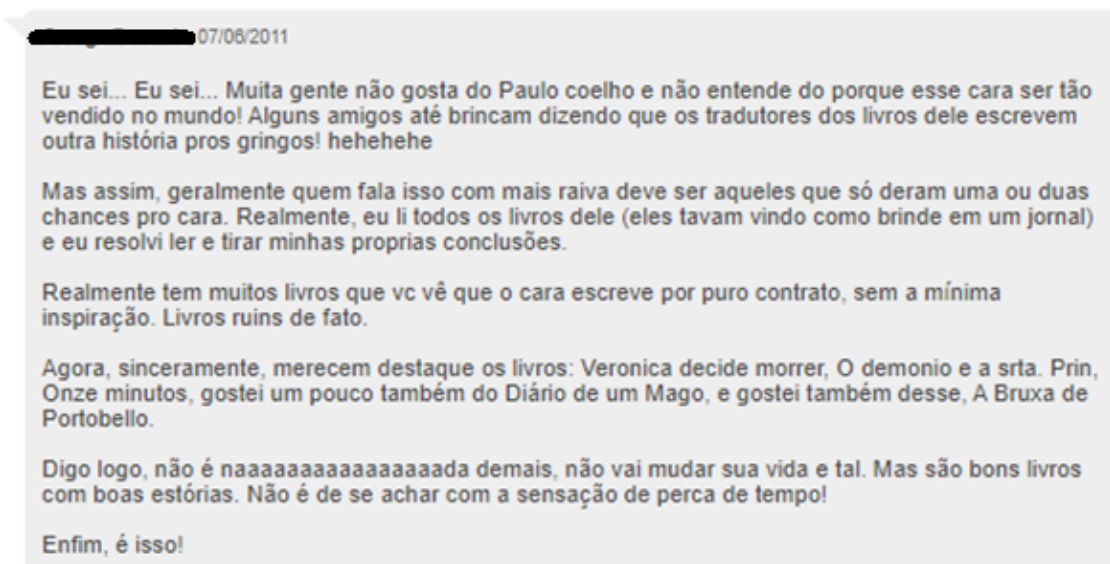
Utilizando tanto uma conjunção adversativa quanto o verbo performativo “confessar” (estruturas frequentes no *corpus* selecionado), o leitor expressa, de maneira explícita, o seu preconceito com autores de *best seller*, como Paulo Coelho. Esse discurso, sua formação e memória discursiva, demonstrados aqui, remonta à concepção comum e popular, tanto nas esferas acadêmicas quanto nas esferas fora desse *locus*, que os livros de *best seller* e, conseqüentemente, seus autores, dispõem de um prestígio literário e intelectual menores, assim como a leitura e a declaração disso sofrem do mesmo julgamento. A vergonha nessa declaração pode entrar em cena de forma implícita ou explícita; no caso deste leitor e na maioria dos comentários do *corpus* desta pesquisa, a implícita se dá de maneira mais presente.

A segunda justificativa pode ser associada à ideia de que é necessário conhecer para poder então ter uma opinião relevante e não apenas formada por pré-conceitos. Dessa forma, o leitor se abre para analisar a obra e fazer comentários que também a elogiem, mesmo que esses elogios ainda expressem o distanciamento entre ele e a obra, uma vez que os adjetivos utilizados para expressar isso são “mediano” e “leve” ou a estrutura “passar tempo” (frase recorrente em resenhas que indicam um entretenimento caracterizado por ser sem profundidade ou sem uma estrutura narrativa chamativa, também acentuada, por sua vez, no comentário, pela estrutura “reflexões não profundas” e “o desfecho não é surpreendente”). Todos esses elementos discursivos causam um efeito de sentido de um elogio em um tom moderado para o livro e são construídos sempre articulados junto à negativa, de modo que tudo que seria qualidade em outra obra, nesta obra não é.

O comentário finaliza-se, então, com uma estrutura que acentua ainda mais a declaração contida e a demarcação no distanciamento entre leitor e obra: “o livro não é ruim”. Com a utilização dessa estrutura e não de “o livro é bom”, o sujeito-leitor destaca um termo que semanticamente remete a algo negativo para expressar o positivo, causando um elogio mais contido, mais relativizado, e em alguma medida negado.

O próximo recorte de *corpus* refere-se à página do Skoob do livro “A Bruxa de Portobello”, de 2006, o qual também cita as obras “Veronika decide morrer” (1998), “O Demônio e a Srta. Prym” (2000) e “O Diário de um Mago (1987)”:

Figura 10 - Comentário sobre “A Bruxa de Portobello” selecionado para a composição do corpus.



Fonte: Skoob.

Inicialmente, com a repetição da estrutura “eu sei”, o leitor salienta conhecer os discursos acerca da obra de Paulo Coelho, os quais podem ser parafraseados como (1) muitas pessoas não gostam dos livros de Paulo Coelho, (2) Paulo Coelho é um dos escritores que mais vendem no mundo e (3) Por que Paulo Coelho, um escritor que não tem prestígio intelectual e acadêmico, é um dos escritores mais vendidos no mundo? O leitor, ainda, menciona outro discurso bastante recorrente sobre esse autor que é bastante irônico segundo o qual o motivo do autor ser o mais traduzido do mundo ocorre, pois, suas traduções, na verdade, são reescritas pelos tradutores e não apenas traduzidas.

Tal concepção sobre o autor é explicada pelo enunciador do comentário como um pré-conceito, como se as pessoas que expressassem esse tipo de discurso com mais frequência não tivessem dado mais de uma ou duas “chances” para conhecer o autor de verdade. Aqui, é interessante notar que o enunciador não acentua a qualidade do autor, não o elogia, considerando que sua leitura deve ser feita por ele ser bom, mas que é necessário considerá-lo e dá-lo uma oportunidade. Nesse discurso, segundo o enunciador, há a presença do sentimento de raiva articulado à leitura do autor, prejudicando a concepção real sobre as obras.

É explicado ainda pelo sujeito que, apesar dessas formações discursivas sobre as obras de Paulo Coelho, ele mesmo decidiu tirar as próprias conclusões acerca de todas as obras por meio de uma promoção de um jornal. Isso apresenta, novamente, o modelo de enunciação apresentado em vários comentários analisados.

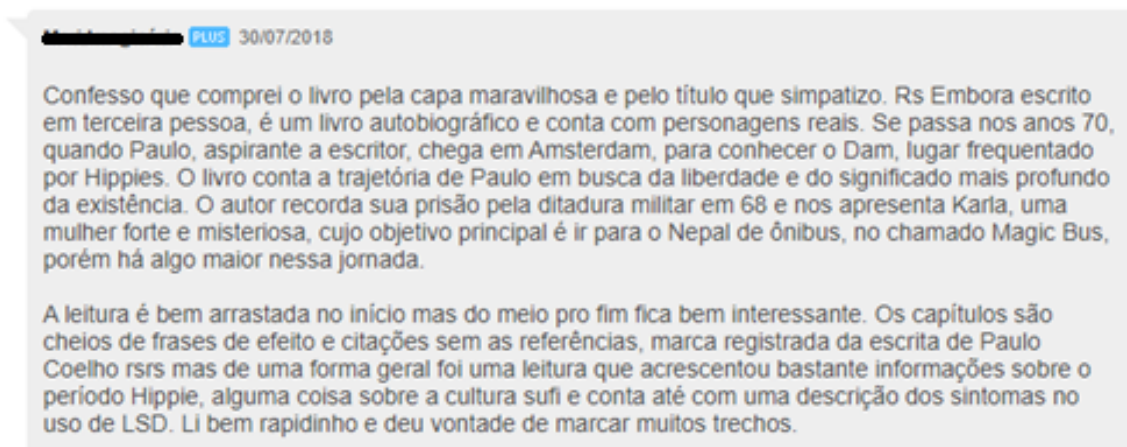
Com isso, separa dois discursos sobre toda a obra: um primeiro que concordará com essas formações discursivas que caracterizam as obras como “livros ruins” e outro que as coloca como “sem inspiração”, feitas por contrato editorial, ou seja, para venda e não pelo trabalho literário em si. Essa concepção se relaciona com o interdiscurso de que os *best sellers* seriam escritos estritamente com o objetivo de venda, com fórmulas prontas, ou seja, sem nenhuma presença de inspiração ou trabalho literário. Estamos diante do que em AD se designa como “interdiscurso” e que se caracteriza “pelo entrelaçamento de diferentes discursos, oriundos de diferentes momentos na história e de diferentes lugares sociais.” (FERNANDES, 2008, p.36).

Com o advérbio de modo “sinceramente”, o leitor acentua que gostou das obras do autor. E, mesmo com essa posição de gosto, o distanciamento é posto com as estruturas “não é nada demais”, “não vai mudar a sua vida”, colocando as obras de Coelho em uma literatura menor e com menos prestígio. Novamente, há a presença da estrutura que apela à negação, também apresentada no comentário anterior, para a caracterização da obra, diferenciando-a dos livros que possuem tais qualidades para o enunciador. Além disso, o alongamento da negativa, além de reproduzir a fala, possui efeito de ênfase para intensificar tal qualificação dada anteriormente à obra.

A conjunção de adversidade, no entanto, expressa a oposição dessas ideias para introduzir a indicação dos livros de Paulo Coelho que, segundo o sujeito, não dão “sensação de perda de tempo!”. Ou seja, o usuário se utiliza da expressão “perda de tempo” para fazer um elogio, gerando um não elogio, uma valorização acatada. De forma análoga, a escolha dos adjetivos dessa qualificação, “bons livros” e “boas histórias”, demonstra a forma contida que o enunciador se dispõe para apresentar a obra.

O último comentário em análise refere-se ao livro “Hippie”, de 2018.

Figura 11 - Comentário sobre “Hippie” selecionado para a composição do corpus.



Fonte: Skoob.

O leitor demonstra sua opinião e análise sobre a obra, introduzindo-as com o verbo performativo “confessar” em primeira pessoa do singular. O efeito de sentido transmitido ao se utilizar esse verbo é a revelação e o reconhecimento de um sentimento de culpa por parte do sujeito. Isso também ocorre porque tal verbo é articulado à frase parafrástica que remete ao ditado popular “Não se deve julgar um livro pela capa”, que, por sua vez, pode ser utilizada além do contexto da leitura e levado para outras instâncias. Por essa prática ser mal vista, o sujeito leitor é atravessado tanto pelo sentimento já citado de culpa quanto pela vergonha.

Esse processo de paráfrases dentro desse discurso é definido pela AD como “aqueles pelos quais em todo o dizer há sempre algo que se mantém, isto é, o

dizível, a memória. A paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços de dizer.” (ORLANDI, 1999, p.36).

Tal paráfrase traz consigo a memória discursiva, assim, a materialidade de uma memória sócio-histórico-cultural (memória coletiva) entrelaçada aos sujeitos e, conseqüentemente, aos seus discursos. A origem de acontecimentos exteriores e anteriores ao texto causa a interferência na construção do discurso. Em outras palavras,

“[...] a memória discursiva é a recorrência de dizeres que emergem a partir de uma contingência histórica, social e cultural, atualizada ou esquecida de acordo com o processo discursivo, sendo algo que sempre se fala, antes ou em outro lugar” (FRANÇA, 2016, p.3)

No entanto, o sentimento de culpa e vergonha não se sobressai à vergonha implícita da leitura do livro do autor Paulo Coelho, uma vez que o leitor utiliza da abreviação de “risos” para dar um grau menos sério ao que expressou, como se fosse acompanhado por um pequeno riso de deboche.

Posteriormente, o sujeito-leitor relata um pequeno resumo da obra também acompanhado por comentários sobre o modo narrativo e o gênero. Esse resumo se torna uma resenha crítica, já que o leitor expressa sua impressão sobre como a leitura é caracterizada ao longo do livro. Dentro dessa impressão, o leitor ainda cita alguns aspectos que considera específicos da escrita de Paulo Coelho: “Os capítulos são cheios de frases de efeito e citações sem referência, marca registrada da escrita de Paulo Coelho rsrs”.

Nesse recorte, é possível perceber o destaque negativo que o sujeito-leitor dá a “frases de efeito”, consideradas frases que causam impacto, mas não necessariamente expressam um conteúdo relevante, e para “citações sem referências”. A não-referencialidade remonta a insustentabilidade do que é exposto pelo autor, visto que as citações com base nas ideias de outro autor, como comentam Müller e Cornelsen (2003), “[...] têm o poder de enriquecer a matéria, pois denotam pesquisa e preocupação por parte do autor do trabalho com relação dos autores escolhidos, geralmente relevantes para o assunto.” (p.31). O uso repetido de “rsrs” reforça o escárnio, ou a menor seriedade, que o leitor confere às obras do autor.

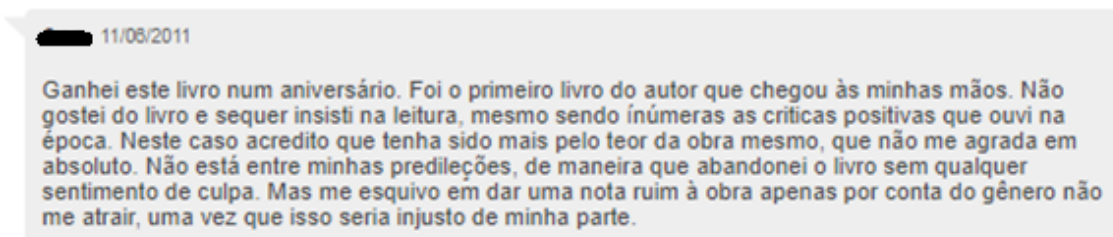
3.3 Quando se lê, e se expressa arrependimento de tê-lo feito e é preciso responsabilizar um outro

A segunda categorização do corpus se deu a partir de discursos que são caracterizados por expressarem desgosto pelos livros de Paulo Coelho. Depois de “O Diário de um Mago”, de 1987, Paulo Coelho publica aquele que vai ser seu maior sucesso: “O Alquimista”. Dessa forma, assim como na organização dos outros subtópicos, esse subtópico terá os comentários organizados de acordo com o ano de publicação das obras.

Ao realizar a seleção do *corpus*, notamos a grande frequência de estruturas que remetiam à escolha do livro em função de sua capa, ou seja, em função dos aspectos editoriais materiais e estéticos considerados como sendo o elemento ou a razão mais relevante para a escolha da leitura, do que o próprio livro em si. Na impossibilidade de se poder afirmar leitor que compra os livros do Paulo Coelho para ler, uma série de subterfúgios foram usados nos vários comentários já analisados para se afirmar que se leu por ‘acaso’, não porque se quis ou se buscou ler. E mesmo quando se revelou ter comprado o livro, a razão que motivou essa aquisição foi simplesmente a da beleza da capa. Boa parte dos “não-leitores” de Paulo Coelho ou dos “leitores acidentais” de um ou outro título deste autor, afirmou ter lido por ter ganhado o livro de presente.

O primeiro comentário desse subtópico a ser analisado refere-se ao terceiro livro do autor, “O Diário de um Mago”, de 1987.

Figura 12 - Comentário sobre “O Diário de um Mago” selecionado para a composição do corpus



Fonte: Skoob

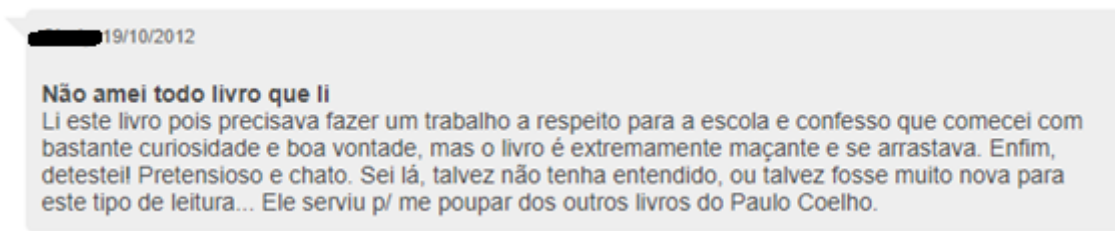
A primeira sentença exposta no comentário já caracteriza sua categorização nesse subtópico, uma vez que a obra chegou ao leitor por meio de um presente de aniversário. Ou seja, não foi o próprio leitor que selecionou o livro para a leitura. Esse desinteresse se confirma ainda mais pela afirmação, na sequência, do abandono da leitura, uma vez que, como o próprio sujeito-leitor afirma, os livros desse autor, sua temática, não se relacionam com o seu gosto. É interessante destacar que o leitor cita que ouviu “críticas positivas” em relação à obra, algo que na maioria dos comentários do *corpus*, como vimos até agora, não é abordado.

O comentário também expressa a relação do sentimento de culpa com o abandono de uma leitura. Como Curcino (2020) aponta, essas emoções relacionadas à prática da leitura são aprendidas desde cedo pelos sujeitos, principalmente, no espaço escolar. Dessa forma, esse sentimento de culpa pelo abandono de alguma leitura se torna presente nas formas legítimas de se pronunciar como leitor (p.11). Essa culpa também se relaciona à vergonha, uma vez que a culpa de se abandonar uma leitura transforma-se em uma expressão envergonhada sobre esse abandono.

No entanto, tal leitor não se sente culpado justamente porque não considerou ser esta uma leitura proveitosa. Ao contrário, este leitor afirma de maneira um tanto orgulhosa a sua condição de não-leitor de Paulo Coelho, mesmo tendo lido esse livro, o que fez de maneira ocasional e incompleta, como enfatiza o enunciador. O leitor faz do comentário do livro na plataforma uma forma de enfatizar sua desidentificação com essa leitura a que foi conduzido: sua avaliação crítica e severa não é uma avaliação de antemão em função do gênero, mas antes da análise e da conclusão da pouca qualidade da obra em si.

Voltando-se ao comentário a seguir do corpus, agora referente ao livro “O Alquimista”, de 1987:

Figura 13- Comentário 2 sobre “O Alquimista” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob.

Mais uma vez, nota-se a regularidade de demonstração de uma justificativa para a leitura de um livro do autor, no caso, um trabalho de escola. O leitor cita que, apesar de ter sua leitura relacionada a um dever (uma vez que o discurso sobre as leituras escolares remonta a esse pré-construído de uma leitura associada mais ao dever do que ao prazer), começou-a com curiosidade e “boa vontade”. No entanto, o livro para ele não tinha uma leitura fluida, como ele expressa com o uso do substantivo “maçante” e do verbo “arrastar”.

Dada a grande popularidade do escritor e do volume de vendas de seus livros, remontando as formações discursivas relacionadas a Paulo Coelho e às suas obras, o sujeito-leitor formula hipóteses quanto às razões de não ter gostado da leitura. Em tais hipóteses, o enunciador usa de um recurso retórico com sentido de falsa humildade para validar sua crítica, assim, apesar de afirmar que houve incompreensão do conteúdo da obra ou sua idade na época da leitura não permitiu tal compreensão, isso é relativizado com o uso do advérbio “talvez” e da expressão “sei lá”. Ou seja, ambos indicam, de forma irônica, a possibilidade de não ter entendido o livro, já que acabou não gostando.

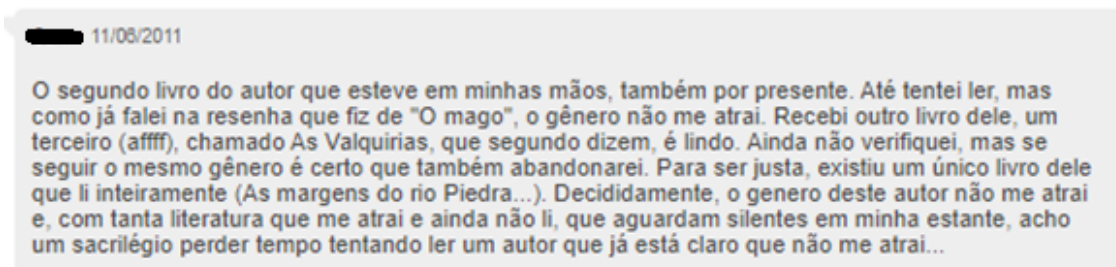
Apesar do não reconhecimento como sendo uma literatura de qualidade essa dos livros da categoria de *best sellers*, é comum ter um imaginário compartilhado sobre a leitura desses livros que remetem a uma leitura de fácil compreensão e, logo, prazerosa. Nesse contexto, a incompreensão desse tipo de produto literário é uma das desculpas para não ter se identificado com um livro popular. Essa não compreensão, como é posto pelo próprio leitor, também pode ser relacionada à faixa etária. No entanto, elas parecem mais com subterfúgios retóricos para validar as

críticas severas, do que como uma evidente admissão de uma falha própria como leitor.

O comentário é finalizado com uma posição irônica do próprio leitor que demarca que, ao mesmo tempo que sua experiência não foi proveitosa, esta foi benéfica dado que esse contato precoce, gratuito, e mal sucedido lhe teria poupado da leitura das outras obras do autor. Essa estrutura demonstra não apenas uma posição crítica racional, mas um desprezo passional, convicto e seguro de si. Estamos diante de um leitor que afirma ter lido um livro de Paulo Coelho, que considera isso uma “mancha” em seu currículo de leitor, um “desvio”, um “erro”, e que para não dar margem à crença de que teria lido e eventualmente gostado, prefere revelar sua condição de leitor de uma obra, como a de um leitor que logo percebeu a pouca qualidade, os defeitos, e que imediatamente interrompeu sua leitura e que não se viu em condição de ler outro texto, porque formou pronta e seguramente sua opinião sobre os defeitos da obra que revelou ter começado a ler.

O próximo comentário também foi selecionado na página de resenha de “O Alquimista”:

Figura 14- Comentário 3 sobre “O Alquimista” selecionado para a composição do *corpus*.



Fonte: Skoob.

O sujeito-leitor começa expressando a informação de que o livro, além de ser o segundo livro do autor com que teve contato, já que o primeiro foi “O mago”, e que, assim como este segundo, também foi um presente. Assim, essa estrutura que expressa a ideia de influência indireta para se chegar à leitura de uma obra novamente aparece. Os sujeitos leitores colocam, dessa maneira, uma justificativa para ter tido o contato com os livros de um autor que não tem prestígio da crítica

literária, se sentindo na obrigação de se justificar e antecipar os tipos de julgamentos que podem pesar sobre sua imagem. Há uma série de elementos que visam “proteger sua imagem” como leitor e que são mobilizados nesses enunciados que temos analisado, e neste em particular. O enunciador não apenas afirma que nunca comprou, como também que não conseguiu ler na totalidade o primeiro livro que ganhou, e que tem certeza que não conseguirá ler outros e por isso, mesmo tendo ganhado um terceiro, não o lerá.

Em tal comentário, é possível notar três ocasiões em que o leitor cita que recebeu tais livros como presente: “O segundo livro do autor que esteve em minhas mãos, também por presente”, estrutura a qual descreve duas recorrências de livros recebidos como presente, a primeira por meio do advérbio “também”, que indica a repetição desse acontecimento, e a segunda, colocada inicialmente na frase, por meio da utilização de uma estrutura que remonta a um segundo livro; e “Recebi outro livro dele, um terceiro [...]”.

O leitor também utiliza da interjeição “af” com a repetição das letras “f”, para expressar sua insatisfação¹⁰ com o recebimento de um terceiro livro do autor como presente, uma vez que, segundo o dicionário online “dicio”, o verbete aff é uma interjeição “que exprime insatisfação, descontentamento, aborrecimento, enfado: aff, não aguento mais esse assunto!” (Disponível em: <https://www.dicio.com.br/aff/>. Acesso: 25 de novembro de 2020). Em outras palavras, o leitor acentua constantemente esse distanciamento a partir dessa justificativa.

Outra obra de Paulo Coelho é citada, “Valkírias”, de 1992, e junto a ela um discurso por meio da estrutura “segundo dizem”. Esta estrutura demonstra, por meio do verbo “dizer”, em terceira pessoa do plural no presente, um discurso de um locutor genérico, ou seja, aquele de expressão de uma opinião geral. Isso causa no leitor um sentido de recomendação para a leitura do livro, o que na opinião do enunciador deve ser relativizado, com base na sua primeira tentativa de ler algo desse mesmo autor, que lhe permite afirmar com segurança se tratar de outra leitura que com certeza abandonará.

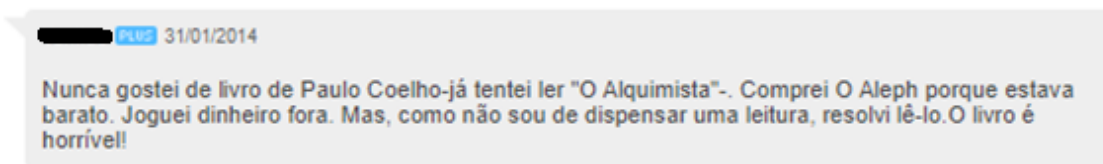
O comentário termina com o uso da figura de linguagem hipérbole por meio do substantivo “sacrilégio”, que intensifica sua recusa por meio da ideia de que seria

10

um pecado ao sagrado ler os livros de Paulo Coelho em vez de ler as obras mais qualificadas que ainda aguardam na prateleira a sua leitura.

Com a finalização da análise do comentário anterior, a seleção do corpus presente dentro dessa subcategoria leva para a página referente a “O Aleph”, o qual tem o seguinte comentário:

Figura 15 - Comentário sobre “O Aleph” selecionado para a composição do corpus.



Fonte: Skoob.

Logo no início do comentário, o leitor expõe sua posição sobre as obras de Paulo Coelho, colocando como algo que nunca foi de seu gosto, pois mesmo com a tentativa de leitura da obra mais famosa, não houve uma conciliação entre sua preferência de leitura e a obra. Após isso, o leitor já expressa a justificativa que o levou a ter o livro: um preço barato. Através da estrutura “Joguei dinheiro fora”, recorrente nos contextos em que se demarca o pesar em relação à aquisição de algo, de um bem, o leitor afirma seu arrependimento pela aquisição mas também sua aversão e desprezo à obra e ao autor.

Para expressar-se como um bom leitor, o enunciador parafraseia o discurso comum de que “um bom leitor não dispensa uma leitura”. E, novamente, demarca, por meio do uso do adjetivo "horrível", o quanto a leitura lhe desagradou.

O comentário a seguir também se refere ao livro “O Aleph”:

Figura 16 - Comentário 2 sobre “O Aleph” selecionado para a composição do corpus.

21/10/2013

Abandonado

Eu sempre tive um certo pé atrás com Paulo Coelho, mas ganhei esse livro de aniversário e resolvi dar uma chance a ele.

Não consegui ler nem metade de um capítulo, eu realmente não consigo gostar da narrativa dele e da forma como ele desenvolve suas histórias.

Fonte: Skoob.

O título do comentário já antecipa o desfecho do mesmo, ou seja, o abandono da leitura pelo leitor.

Para salientar que não simpatizava com as obras de Paulo Coelho, o leitor utiliza a expressão “pé atrás com Paulo Coelho”, remetendo à expressão discursiva popular que exprime uma incerteza quanto a algo, já que alude à posição corporal mais fácil para se afastar e mudar de direção diante de algo que causa desconfiança. No entanto, da mesma maneira como os outros leitores se posicionaram para expressar uma justificativa para leitura e, logo, uma vergonha implícita diante da leitura, este também se manifesta com a mesma regularidade discursiva a partir da seguinte paráfrase dos discursos anteriores: “ganhei esse livro de aniversário e resolvi dar uma chance a ele”. É relatado, então, que a leitura foi abandonada já no início. São vários os comentários que para demonstrarem seu desgosto pelo autor e sua obra afirmam enfaticamente terem iniciado e interrompido quase imediatamente a leitura do livro.

Outro comentário que transmite novamente a estrutura que remete à regularidade do discurso de expressar que a leitura se deu por conta do recebimento do livro como presente é o seguinte comentário, referente ao livro “Manuscrito Encontrado em Accra”, de 2012:

Figura 17 - Comentário 2 sobre “Manuscrito Encontrado em Accra” selecionado para a composição do corpus.

24/01/2013

Não recomendo

Há muito não lia nada do Paulo Coelho, desde a adolescência, eu acho. Mas como ganhei esse livro de presente, parei para ler e perdi meu tempo.

Não gosto das obras do autor, mas essa chega a ser pior. Não tem história, não tem enredo, não acontece nada.

A obra se limita a uma série de conselhos espirituais, daqueles mais batidos, dados por um guia religioso.

Os conselhos não são de grande relevância e não é nada diferente dos conselhos que se encontram em qualquer obra de auto-ajuda.

Fonte: Skoob

Ao realizar a análise do comentário acima, inicialmente, demarca-se o discurso que coloca a obra de Paulo Coelho como uma literatura infanto-juvenil e, logo, segundo as formações discursivas no âmbito acadêmico sobre o gênero, uma literatura menor. Essa demarcação ocorre pelo relato de que a última leitura do livro do autor foi durante o período da adolescência do enunciador.

Comparando a estrutura posta no comentário com a do comentário anterior, nota-se a presença de uma paráfrase, ou seja, do retorno aos mesmos espaços de dizer (ORLANDI, 1999, p.36).

Recorte (4): “Mas ganhei esse livro de aniversário e resolvi dar uma chance a ele”

Recorte (5): “Mas como ganhei esse livro de presente, parei para ler [...]”

Percebe-se que, além de serem construções parafrásticas, ambas as estruturas se iniciam com a conjunção adversativa “mas” com a finalidade de contrastar com o que foi afirmado anteriormente, no caso, respectivamente o receio de ler as obras do autor e a distância temporal da última leitura do livro do autor. Ou seja, apesar desses impasses para a leitura, os dois leitores tiveram como ensejo para a leitura o recebimento do livro como um presente.

Além disso, o leitor também marca a característica da heterogeneidade discursiva das obras de Paulo Coelho, que se dá, sobretudo, por sua categorização frequente como do segmento do gênero de autoajuda, uma vez que, como já citado, “[...] o discurso de autoajuda transpassa, interdiscursivamente, o discurso literário na obra de Paulo Coelho, tornando discurso constituinte e produzindo o que se pode chamar de ‘estética coelhiana” (RIBEIRO, 2009, p.142). No entanto, o leitor

desqualifica os “conselhos” presentes na obra, colocando-os como irrelevantes e não originais, já que não se distinguem dos que estão presentes em livros de autoajuda.

Por fim, o último comentário analisado neste subtópico refere-se a um dos livros mais recentes do autor, “A Espiã”, de 2016.

Erika 23/12/2016

Superficial

Já li algumas obras de Paulo Coelho, mormente na década de 90, que foi o auge do seu sucesso. No geral, foram boas leituras, embora não o considere um escritor extraordinário.

Na verdade, o que me atraiu em "A Espiã" nem foram as credenciais de seu autor, mas sim o fato de ver tantos exemplares na livraria e a bonita capa. Sim, confesso: comprei o produto pela embalagem e propaganda. Ademais, gosto de livros históricos, e esse se encaixa nessa linha.

Contudo, confesso que fiquei bastante decepcionada. O enredo é extremamente raso, dando-me a impressão de que foi escrito às pressas, para cumprir um contrato. Os fatos se sucedem rapidamente e são narrados sem muitos detalhes. Tudo passa rápido, "pulado". Não conheço muito a história de Mata Hari, admito, mas fiquei com a séria sensação de que ali foi tratada na forma de "resumão", havendo muito mais o que se falar sobre ela, não só a respeito de sua vida, mas também personalidade.

Enfim, o livro foi lançado com uma boa estratégia de marketing, contando com ampla exposição nas livrarias e capa caprichada. Mas faltou o principal: conteúdo. Infelizmente.

O leitor não tarda em expressar sua opinião sobre o autor, ao colocá-lo como um escritor não extraordinário, apesar de já ter lido mais de uma obra dele e de ter apreciado a leitura. Ou seja, há um certo orgulho em poder dizer que tem embasamento (a leitura de várias obras) para ter uma opinião negativa sobre o autor.

Além disso, o usuário cita, ao longo de seu comentário, o fato de ter considerado a capa bonita da edição e não o renome do autor para adquirir um exemplar. Assim, como os comentários anteriores, ele utiliza do verbo “confessar” para expressar que comprou o livro pela capa e não pelo seu conteúdo em si, e se por um lado não expressa vergonha pela leitura, por outro coloca-se como orgulhoso de levar tal aspecto em consideração para a compra, pois, caso contrário, não a teria feito.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises que apresentamos neste trabalho tiveram por objetivo apreender diferentes discursos sobre a leitura, com ênfase no entanto sobre os modos como esses discursos orientam o que dizer sobre uma prática, como exercer uma prática, e o que sentir em relação a ela. No campo da leitura, estamos em um terreno minado pleno de representações idealizadas do que é ser leitor, em sua grande maioria comprometidas com valores burgueses e com a manutenção de hierarquias sociais, econômicas e culturais.

Com a definição de nosso *corpus* de pesquisa, buscamos focalizar as formas de expressão da vergonha de ler. No entanto, ler é motivo de orgulho. O que em geral pode ser fonte de vergonha quando o tema é a leitura é justamente não ler, não ser leitor. São frequentes as formas depreciativas e até ofensivas de se referir aos outros como não leitores, sobretudo quando “os outros” são em geral representantes das camadas populares, pauperizadas e exploradas de nossa sociedade.

Mas há uma outra fonte de ‘vergonha’, e que é frequente em discursos sobre a leitura: é a de ler o que não se deve, do modo como não deve, para finalidades que não convém. Os dados que analisamos demonstraram o quanto se pode sentir vergonha prévia e o quanto variam as formas de se manifestar essa vergonha diante da circunstância de ter de falar da leitura de um livro ou autor que não dispõe de prestígio junto a certos grupos na hierarquia cultural.

Observamos diversos subterfúgios linguísticos empregados pelos enunciadores para expressarem sua vergonha de ter lido, ainda que parcialmente, um livro de um autor como Paulo Coelho. Para isso, muitos justificaram que o fizeram porque foram compelidos por diversas razões e circunstâncias: porque ganharam o livro de presente, porque precisavam ler para mais bem embasar suas reticências anteriores à obra e ao autor, porque leram quando eram jovens e imaturos, porque a obra estava em promoção e foi comprada por compulsão etc...

Foram vários os argumentos que davam satisfações sobre o fato de se ter lido o livro. Ninguém se afirmou fã ou leitor que tenha simplesmente gostado da leitura. Mesmo os que foram mais ponderados em suas críticas e reconheceram

certas qualidades da obra, o fizeram cheios de ressalvas, de forma muito modalizada, com adjetivos de baixa intensidade, se esgueirando de algum modo da pecha de leitor de obras de Paulo Coelho.

A vergonha de ler o que não se deve foi mais marcadamente expressa por estes enunciadores que, tendo gostado, não podiam manifestar isso de qualquer forma. Já no caso dos leitores que explicitamente disseram que não gostaram e mesmo que nem leram a obras na sua totalidade, o fazem com orgulho, porque mesmo sabendo que o abandono da leitura de um livro não é uma atitude condizente com um bom leitor, se sentem autorizados a declarar isso quando o livro e o autor não gozam do mesmo prestígio de autores consagrados junto aos grupos da intelectualidade nacional. Aliás, não apenas se sentem autorizados, como o fazem com convicção e de forma categórica, porque são orgulhosos. Afirmar-se não leitor de Paulo Coelho é uma forma de se afirmar leitor.

Apoiados, assim, na Análise do discurso, buscamos demonstrar esse funcionamento peculiar dos discursos sobre a leitura, observando mais de perto as formas de expressão da vergonha quando o assunto é leitura. Nossa certeza, que é a mesma que move todas as pesquisas do LIRE, é a de que essas análises dos discursos sobre a leitura, de seu funcionamento, das exclusões e hierarquias que se mantêm escudadas nesses discursos, podem contribuir para formarmos melhores leitores, menos reféns de falsos moralismos culturais.

5. REFERÊNCIAS

ABREU, Márcia. Diferença e Desigualdade: Preconceitos em Leitura. In: MARINHO, Marildes (org.). **Ler e Navegar: espaços e percursos da leitura**. Campinas: Mercado de Letras; ALB, 2001. p. 139-157.

ABREU, Márcia. Cultura letrada: literatura e leitura. São Paulo: UNESP, 2006. (Paradidáticos, série Cultura, coordenação de José Luís C. T. Ceccantini).

ALMEIDA, Taís Helena Machado Barbosa de; CURCINO, Luzmara. A pujante venda de livros religiosos no Brasil no ano de 2015: para que leitor foram produzidos? **Linguagem**. v. 32, São Carlos, dez. 2019. (p. 106-118). Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/viewFile/665/406> . Acesso em 05 de Set. 2021.

ANDRETTA, Pedro Ivo Silveira; CURCINO, Luzmara. Machado de Assis e seus leitores da era da internet: o que se diz sobre os clássicos no SKOOB. In: *Leitura: Teoria & Prática*, Campinas, v. 30, n. especial, p. 205-214, 2012. Disponível em: http://www.pedroandretta.info/index/wp-content/uploads/2013/08/andretta_leitura-teoria-e-pratica.pdf. Acesso em 20 jan. 2022.

ARAÚJO, Júlio Cesar et al. O ato de resenhar no Skoob. *LETRAS EM REVISTA*, [S.l.], v. 9, n. 01, jun. 2018. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/132>. Acesso em 02 abr. 2022.

BARZOTTO, Valdir Heitor; BRITTO, Luiz Percival Leme. Promoção da leitura x mitificação da leitura. *Boletim ALB*, Rio de Janeiro, n. 3, 3 p., ago. 1998.

BAYARD, Pierre. *Como falar dos livros que não lemos?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

BORGES, Rafael Ribeiro dos Santos. “Dicas de quem já leu”: a autoridade de quem recomenda leitura. In: **Linguasagem**. v. 32, São Carlos, dez. 2019. (p. 52-60). Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/655/396>. Acesso em 05 de Set. 2021.

CHARTIER, Roger. Ler sem livros. Tradução: CURCINO, Luzmara; OLIVEIRA, Jéssica. **Linguasagem**. v. 32, São Carlos, dez. 2019. (p. 6-17). Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/655/396>. Acesso em 05 de Set. 2021.

CONTI, Clarissa Neves. Mash-ups literários: produção em coautoria. **Linguasagem**. v. 32, São Carlos, dez. 2019. (p. 80-89). Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/662> . Acesso em 05 de Set. 2021.

COURTINE, Jean-Jacques. O Conceito de formação discursiva. In: **Análise do discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

CURCINO, Luzmara; VARELLA, Simone; OLIVEIRA, Jéssica. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisas *Linguasagem*. v. 32, São Carlos, dez. 2019. (p. 1-5). Disponível em: <http://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/article/view/654>. Acesso em 05 Nov. 2021.

CURCINO, Luzmara; DOURADO, Maysa. O que se ensina quando se ensina a ler: discursos sobre a leitura e sua incidência sobre as práticas de ensino e de formação dos sujeitos em nossa sociedade [Entrevista concedida]. **REP's - Revista Eventos Pedagógicos**. Vol. 10, n. 26, Sinop, 2019. (p. 648-663). Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/eventos/article/view/3443/2496> . Acesso em 10 Dez. 2021.

CURCINO, Luzmara. A leitura como requisito na política: do elogio ao escracho. **Linguagem**. v. 32, São Carlos, dez. 2019. (p. 18-28). Disponível em: <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/656>. Acesso em 05 de Set. 2021.

CURCINO, Luzmara. “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará”: livros na eleição presidencial de Bolsonaro. In: **Discurso & Sociedad**. Vol. 13(3), 2019b, p. 468-494.

CURCINO, Luzmara. **Das emoções nos discursos sobre a leitura**: uma análise dos modos de expressão da ‘nostalgia’, do ‘orgulho’ e da ‘vergonha’ na voz de leitores. [Projeto de Pesquisa 2019-2022], 2019c. [mimeo]. Disponível em: < <https://www.researchgate.net/project/Leitores-orgulhosos-leitores-envergonhados-as-emocoes-em-discursos-sobre-a-leitura> >.

CURCINO, Luzmara. Leitores orgulhosos, Leitores envergonhados: as emoções em discursos sobre a leitura. **Álabe - Revista de Investigación sobre Lectura y Escritura**. Red Internacional de Universidades Lectoras - Espanha. n. 25, 2022. Disponível em: <https://ojs.ual.es/ojs/index.php/alabe/article/view/7695>. Acesso em 03 de Mar. 2022.

FERNANDES, Cleudemar Alves. A. Análise do discurso: reflexões introdutórias. São Carlos: Claraluz, 2008.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In: MOTTA, M. B. (Org.). **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. Coleção Ditos & Escritos – Volume III. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 264-298.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FRANÇA, T. M. Um olhar sobre o conceito de memória discursiva de Michel Pêcheux. **INTERLETRAS**, Edição número 22, 2016.

MÜLLER, Mary Stela; CORNELSEN, Julce Mary. Normas e padrões para teses, dissertações e monografias. 5. ed. Londrina (PR): Eduel, 2003.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. Práticas sociais e culturais de leitura: a comunidade virtual Skoob. In: X Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação SEPesq – 20 a 24 de outubro de 2014. Disponível em: https://www.uniritter.edu.br/uploads/eventos/sepesq/x_sepesq/arquivos_trabalhos/2966/439/697.pdf. Acesso: 12 de janeiro.

ORLANDI, Eni P. . Análise do Discurso: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

PRADO, Priscila Finger do. O mago e a academia: o discurso sobre Paulo Coelho. In: **Texto livro: linguagem e tecnologia**. Volume: 8. Número: 2. 2015. P- 69-78.

Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres>. Acesso 14 de novembro de 2020.

SKOOB. **Quem somos?**. Disponível em: https://www.skoob.com.br/inicio/quem_somos. Acesso: 12 de janeiro de 2022.

SKOOB. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Skoob>> Acesso em: 14 de janeiro de 2022.

RIBEIRO, Ivi Furloni. A auto-ajuda como interdiscursividade em “O Alquimista” de Paulo Coelho. Tese de mestrado. 2009. p. 1-202. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/15362/1/Ivi.pdf>. Acesso em 15 Ago. 2021.

VARELLA, Simone Garavello; CURCINO Luzmara. Discursos sobre a leitura: uma análise de vídeo-campanhas em prol dessa prática. **Revista Desenredo**, v. 10, n. 2, p. 337-354, 2014. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/4157>. Acesso em 15 Ago. 2021.

6. ANEXOS

ANEXO 1: Páginas dos livros de Paulo Coelho disponíveis no SKOOB e seus respectivos número de resenhas até novembro de 2020.

Página	Livro	Comentários
https://www.skoob.com.br/undici-minuti-42723ed46818.html	Undici Minuti	1
https://www.skoob.com.br/veronika-decide-morrer-156ed218.html	Veronika decide morrer	360
https://www.skoob.com.br/veronika-decide-morir-23259ed25264.html	Veronika decide morir	3
https://www.skoob.com.br/veronika-decides-to-die-44999ed49319.html	Veronika Decides to Die	1
https://www.skoob.com.br/veronika-decide-di-morire-42719ed46815.html	Veronika Decide di Morire	2
https://www.skoob.com.br/the-fifth-mountain-65952ed72816.html	The Fifth Mountain	0
https://www.skoob.com.br/the-chemist-62397ed68841.html	The Alchemist	9
https://www.skoob.com.br/the-pilgrimage-292857ed328170.html	The Pilgrimage	0
https://www.skoob.com.br/the-diary-of-a-magus-301630ed337955.html	The Diary of a Magus	0
https://www.skoob.com.br/ser-como-o-rio-que-flui-24376ed26497.html	Ser Como O Rio Que Flui	22
https://www.skoob.com.br/paulo-coelho-por-ele-mesmo-13723ed15127.html	por ele mesmoMartin Claret Editores	2
https://www.skoob.com.br/sede-vampirica-367651ed414541.html	Sede VampíricaDiversos	0
https://www.skoob.com.br/seguindo-a-consciencia-36528ed39964.html	Seguindo A Consciência	0
https://www.skoob.com.br/palavras-essenciais-16444ed17834.html	Palavras Essenciais	4
https://www.skoob.com.br/onze-minutos-147ed202.html	Onze minutos	187
https://www.skoob.com.br/o-zahir-400752ed454081.html	O Zahir	1
https://www.skoob.com.br/once-minutos-295084ed330683.html	Once Minutos	1
https://www.skoob.com.br/o-zahir-148ed204.html	O Zahir	78
https://www.skoob.com.br/o-valor-das-tradicoes-36535ed39970.html	O Valor Das Tradições	1
https://www.skoob.com.br/o-vencedor-esta-so-152ed213.html	O Vencedor Está Só	86
https://www.skoob.com.br/o-que-voce-salvaria-36525ed39961.html	O Que Você Salvaria	0
https://www.skoob.com.br/o-monte-cinco-149ed206.html	O Monte Cinco	53
https://www.skoob.com.br/o-mosteiro-pode-acabar-60650ed66861.html	O Mosteiro Pode Acabar	1
https://www.skoob.com.br/o-genio-e-as-rosas-7366ed8595.html	O Gênio e As Rosas	5
https://www.skoob.com.br/o-livro-dos-manuais-1639ed2205.html	O Livro dos Manuais	40

https://www.skoob.com.br/o-diario-de-um-mago-150ed208.html	O Diário de um Mago	208
https://www.skoob.com.br/o-diario-de-um-mago-61064ed67342.html	O Diário de um Mago, Marcus Wagner	0
https://www.skoob.com.br/o-demonio-e-a-srta-prym-586ed768.html	O Demônio e a Srta. Prym	97
https://www.skoob.com.br/o-alquimista-em-quadrinhos-96886ed107232.html	O Alquimista (em quadrinhos)	0
https://www.skoob.com.br/o-alquimista-3ed4.html	O Alquimista	802
https://www.skoob.com.br/o-dom-supremo-1567ed947382.html	O dom supremo, Henry Drummond	29
https://www.skoob.com.br/o-caminho-do-arco-57517ed63301.html	O Caminho do Arco	3
https://www.skoob.com.br/o-alquimista-430387ed487538.html	O Alquimista	1
https://www.skoob.com.br/o-aleph-112408ed124883.html	O Aleph	82
https://www.skoob.com.br/na-margem-do-rio-piedra-eu-sentei-e-chorei-249835ed279733.html	Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei	2
https://www.skoob.com.br/o-alquimista-220881ed247367.html	O Alquimista, Moebius	4
https://www.skoob.com.br/manual-pratico-de-vampirismo-21115ed22811.html	Manual Prático de Vampirismo, Nelson Liano Jr	7
https://www.skoob.com.br/na-margem-do-rio-piedra-eu-sentei-e-chorei-1673ed2253.html	Na Margem do Rio Piedra Eu Sentei e Chorei	149
https://www.skoob.com.br/manuscrito-encontrado-em-accra-249309ed279157.html	Manuscrito encontrado em Accra	72
https://www.skoob.com.br/na-margem-do-rio-piedra-eu-sentei-e-chorei-243776ed282659.html	Na Margem do Rio Piedra eu sentei e chorei	1
https://www.skoob.com.br/manual-do-guerreiro-da-luz-153ed214.html	Manual do Guerreiro da Luz	64
https://www.skoob.com.br/maktub-154ed215.html	Maktub	61
https://www.skoob.com.br/la-quinta-montana-23261ed25265.html	La quinta montaña	0
https://www.skoob.com.br/lo-zahir-42721ed46817.html	Lo Zahir	1
https://www.skoob.com.br/la-bruja-de-portobello-434713ed492530.html	La Bruja de Portobello	0
https://www.skoob.com.br/kit-03--4-livros-303705ed340302.html	KIT-03 4 LIVROS	0
https://www.skoob.com.br/kit-01--4-livros-303703ed340300.html	KIT-01 4 LIVROS	0
https://www.skoob.com.br/historias-para-paisfilhos-e-netos-16515ed17907.html	Histórias Para Pais, Filhos e Netos	3
https://www.skoob.com.br/kit-02--4-livros-303704ed340301.html	KIT02 4 LIVROS	0
https://www.skoob.com.br/historias-para-os-pais-filhos-e-netos-volume-1-88836ed98112.html	Histórias para os pais, filhos, e netos Volume 1	0
https://www.skoob.com.br/historia-para-os-pais-filhos-e-netos-volume-2-88852ed98130.html	História para os pais, filhos e netos Volume 2	2
https://www.skoob.com.br/guerreiro-da-luz-volume-2-88756ed98031.html	Guerreiro da Luz Volume 2	0
https://www.skoob.com.br/guerreiro-da-luz-volume-3-88834ed98110.html	Guerreiro da Luz Volume 3	0

https://www.skoob.com.br/hippie-764665ed768527.html	Hippie	44
https://www.skoob.com.br/guerreiro-da-luz-volume-1-86537ed95606.html	Guerreiro da Luz Volume 1	0
https://www.skoob.com.br/el-zahir-23271ed25276.html	El Zahir	0
https://www.skoob.com.br/estatutos-para-a-vida-20250ed21847.html	Estatutos para a Vida	2
https://www.skoob.com.br/eleven-minutes-16181ed17567.html	Eleven Minutes	1
https://www.skoob.com.br/frases-106-reflexoes-dos-guerreiros-da-luz-114983ed127655.html	Frases: 106 Reflexões dos Guerreiros da Luz	2
https://www.skoob.com.br/el-alquimista-76515ed84329.html	El Alquimista	2
https://www.skoob.com.br/cadernos-de-anotacoes-ii-36533ed39968.html	Cadernos de Anotações II	0
https://www.skoob.com.br/doses-de-sincronicidade-36519ed39959.html	Doses de Sincronicidade	3
https://www.skoob.com.br/cartas-de-amor-do-profeta-17970ed19353.html	Cartas de Amor do Profeta	6
https://www.skoob.com.br/caderno-de-anotacoes-i-61021ed67286.html	Caderno De Anotações I	2
https://www.skoob.com.br/e12450e12523e12465e12511e12473e12488-48764ed53542.html	アルケミスト	0
https://www.skoob.com.br/brida-146ed199.html	Brida	215
https://www.skoob.com.br/by-the-river-piedra-i-sat-down-and-wept-112726ed127216.html	By the River Piedra I Sat Down and Wept	1
https://www.skoob.com.br/bosque-de-cedros-34183ed60642.html	Bosque de Cedros	4
https://www.skoob.com.br/bola-fora-44065ed48322.html	Bola Fora Paulo Vinicius Coelho	2
https://www.skoob.com.br/adulterio-377343ed426255.html	Adultério	99
https://www.skoob.com.br/aleph-195682ed218622.html	Aleph	0
https://www.skoob.com.br/as-duas-sombras-do-rio-108768ed120828.html	As Duas Sombras do Rio João Paulo Borges Coelho	1
https://www.skoob.com.br/arquivos-do-inferno-25434ed27640.html	Arquivos do Inferno	0
https://www.skoob.com.br/as-valkirias-157ed221.html	As Valkírias	104
https://www.skoob.com.br/a-espia-593151ed594318.html	A espia	56
https://www.skoob.com.br/a-oracao-que-deus-entendia-36536ed39971.html	A Oração Que Deus Entendia	0
https://www.skoob.com.br/a-rua-velha-90549ed99954.html	A Rua Velha Machado	0
https://www.skoob.com.br/a-cerimonia-do-cha-36531ed39967.html	A Cerimônia Do Chá	1
https://www.skoob.com.br/a-cancao-do-mago-a-trajetoria-musical-de-paulo-coelho-35694ed39773.html	a canção do mago-a trajetória musical de Hérica Marmo	1
https://www.skoob.com.br/a-bruxa-de-portobello-151ed212.html	A Bruxa de Portobello	95

Fonte: Autor